



NÃO CONTES A NINGUÉM

Contos e Ensaios

Jose Antônio Caliman

2021



NÃO CONTES A NINGUÉM

Contos e Ensaios

Dados Internacionais de Catalogação a Publicação (CIP)

Não Contes A Ninguém/ JA Caliman, Vitória – ES

2019

Jose Antônio Caliman

1 – Contos e Ensaios Brasileiros

Caliman J.A.

Índices para Catálogo Sistemático

1. Contos e Ensaios: Literatura brasileira
869:9308



Introdução

Minha infância foi povoada de histórias contadas por quem gostava de contar histórias, ou simplesmente fazer a leitura delas em voz alta.

As histórias contadas, sem a magia do áudio visual das telas, têm sabor distinto: nelas colocamos a navegar nossa imaginação, no mar de nossa criatividade, sem a delegar aos cineastas; nada contra os filmes, sou amante deles também afinal, vieram da mesma fonte: de escritos que foram produzidos e depois adaptados à tela, mas, por preferência, prefiro a tela da minha mente que, em branco, conduz a história dentro de minha imaginação.

Aqui conto contos e deixo ensaios alguns inspirados em fatos reais outros, sem este apoio.

Mas, trata-se tão somente de exercitar o prazer de escrever e ler pois, mesmo a ficção, tem a necessidade de embasamentos hoje, acessíveis pela internet, outros, da mera lembrança dos surreais contos, que me contaram.

Bem-vindos a um mundo surreal!

Jose Antonio Caliman



Dedicatória

À minha mãe, Augusta Falqueto Caliman que já se foi e, sem dúvida, foi a melhor leitora e contadora de histórias que conheci.

Hoje, deve estar lendo, em outra instância, colocando suas emoções nas palavras que lia para outros que apreciam causos, contos, ensaios e uma boa leitura...



Índice

1-	Sementes da Vingança	06
2-	Don Thiago de Aneris	12
3-	Dominação.....	16
4-	O segredo.....	19
5-	Escolhas Sem Mágoas.....	24
6-	Laranja Madura.....	27
7-	O Engodo.....	30
8-	O Navegador.....	34
9-	Obliteração.....	37
10-	As moedas de Janus.....	41
11-	O Purgatório Segundo Can.....	48
12-	A Nata do Leite.....	51
13-	A Legião.....	55
14-	Contágio.....	58
15-	A Prostituta.....	61
16-	Escritos do Rei.....	66
17-	Improbidade.....	68
18-	O Nome.....	71
19-	Divisores.....	74
20-	Confissões.....	77
21-	Solucionática.....	81
22-	Le Corbeau Noir.....	84
23-	A Estrada Real.....	89
24-	O Testamento de Ephaminondas.....	96
25-	Não Contes Pra Ninguém.....	100



1 -SEMENTES DA VINGANÇA

Amon, tal e qual José, também fora vendido por sua família, a vila onde moravam era paupérrima e, para sustentar a prole grande o pai vendeu-o aos mercadores de escravos que o leiloaram em Menphis. Coube à sorte que ele fora comprado para trabalhar nos celeiros do palácio, sob o comando de José do Egito que se tornara poderosos e famoso.

Amon significa “o oculto” assim procedeu e, cuidadosamente foi construindo sua reputação até tornar-se, ao longo dos anos, mestre almoxarife, responsável pelas sementes que guardava José, para serem distribuídas à população.

José sempre fora criterioso: àqueles que recebiam um saco de sementes para plantar, deveriam devolver dois da colheita e, assim, os paióis estavam sempre repletos.

Quando foi promovido Amon ficou responsável pela organização, armazenamento e distribuição das sementes, segundo as ordens de José.

Trabalhava sempre vigiado, como todos ali, as sementes que iriam ser distribuídas eram conferidas por três vezes, por pessoas diferentes, substituídas diariamente então, não havia como desviar sementes para alguém.



Por sugestão de Amon, José também colocara a vistoria do peso para que ninguém recebesse sementes de mais ou de menos.

Sob os olhos dos fiscais e de José, Amon foi ganhando confiança a ponto de José comentar com o Faraó a respeito de seu zelo e de sua competência em sempre ter as sementes catalogadas por idade e distribuídas para que não se estragassem, no tempo certo.

Um grande tempo de bonança e prosperidade tomou conta do Egito e não fazia mais sentido em ter o Faraó estoque tão grande de sementes assim, por sugestão de José, foram reduzidos os estoques e dispensados os empregados.

O Faraó não quis que os que fossem dispensados, por terem servido em tempos de penúria, fossem libertos ou mandados embora sem uma recompensa e, lembrando-se dos comentários de José, chamou Amon a sua presença dizendo-lhe:

- Ouvi de José, sobre seu zelo, dedicação e lealdade, de sua boca, mesmo escravo sendo, nunca foi ouvida qualquer reclamação a respeito de mim, ao contrário, sempre enalteceste, primeiramente a mim e a José, pela diligência. Quero premiar-te para que continues a falar do Faraó para os de sua aldeia como bem falavas quando aqui estiveste, portanto, dou-te a liberdade e o ouro que conseguires carregar em uma bolsa às tuas costas”

Prostrado de joelhos sem fitar o Faraó solicitou Amon um pequeno presente do Faraó que espantado com tamanha



arrogância, depois de muito lhe ter dado perguntou-lhe o Faraó:

- “Ainda mais queres? Como és ingrato, o que mais te faltaria? ”

- Poderoso Senhor de todo o Egito, minha aldeia está em penúria, as outras prosperaram e eles estão na miséria, peço tão somente 10 sacas de sementes para que possa replantar e trazer prosperidade a meu povo, como tais sementes não estão à venda, abro mão até do ouro, em troca delas.

O Faraó comoveu-se com o pedido e disse-lhe –Por sua humildade e respeito para com os seus, dou-te, também as sacas de semente em dobro do que pedistes e que delas faça bom proveito juntamente com o ouro que podes também levar.

Agradecido Amon foi aos depósitos e lá escolheu vinte sacas de sementes que colocou em camelos comprados com pequena parte do ouro formando assim uma pequena caravana que, junto com um funcionário contratado por ele, também egresso do trabalho dos depósitos seguiu-o, não para sua aldeia natal, mas para outra vizinha, também muito pobre.

O ouro do Faraó serviu para que mandasse o funcionário comprar as terras da aldeia, desvalorizadas e abandonadas, pois nela pouco se produzia.

Ao cabo de alguns meses, era ele dono das terras da vila e adjacências, formando um vasto território que não produzia...quase nada.



O ouro ainda sobrava, metade dele com Amon estava e, contratando trabalhadores foi plantando as sementes em todo aquele território.

Os trabalhadores zombavam dele dizendo: - Que tolo este Amon, não sabe ele que estas terras são improdutivas? Vamos fazer o que ele quer, encher nossos bolsos e depois voltamos para ocupar as terras que, com certeza, ele abandonará depois de acabado o seu ouro”

O Oculto em breve mostrou sua sapiência, os campos em todos os lugares viram brotar as sementes e nascer as mais belas lavouras, a produção, para espanto de todos, foi recorde e os campos verdejantes deram lugar a magníficas espigas de trigo, jamais vistas por ali.

Chamava atenção para uma variedade de plantas que cada terreno continha, não só um tipo de trigo, mas vários misturados que produziram, no moinho recém instalado, a melhor farinha jamais vista no Egito.

Lembrando do presente recebido do Faraó, Amon carrega seus camelos da mais pura farinha e volta a Memphis, pedindo audiência ao Faraó que logo pensou: - Escravos, sempre escravos, deve ter gasto inutilmente o ouro e volta para pedir mais, mas, o Faraó deve ouvir, para tirar lições de como não dar valor a quem não merece méritos demais.

Concedida a audiência Amon faz adentrar a sala do trono um camelo carregado de farinha e, fazendo-o ajoelhar aos pés do Faraó, o mesmo o fazendo, aguardou a permissão para falar.



-Ó poderoso senhor de todo o Egito, sua bondade fez prosperar a região antes degradada que agora produz farinha sem igual em todo o Egito, que aqui oferto ao todo poderoso assim como 40 sacas de sementes de meu melhor trigo.

Intrigado o Todo Poderoso Faraó disse-lhe para se aproximar e trazer uma amostra da farinha que, para sua surpresa, era branca e fina elevando-se no ar ao mais ligeiro sopro.

- Como conseguiste transformar aquelas terras miseráveis em tão produtivas?

Poderoso Faraó, nos anos em que estive sob seu comando, tomei conta com zelo excepcional das sementes que o Faraó distribuía, as piores eram destinadas ao consumo e, as melhores distribuídas aos camponeses para que se reproduzissem como assim aconteceu, em quase todo o Egito exceto na região onde nasci.

Os povos que lá habitavam, ao invés de buscarem, no trabalho, resolver seus problemas, vendiam seus filhos aos mercadores, usufruindo da vida de seus próprios familiares assim, indignos de receber as melhores sementes então, as piores a eles foram destinadas e, por anos, a miséria bateu em suas portas infelizmente não os fazendo procurar soluções e sim continuando a que vender os filhos para a escravidão, como comigo fizeram.

Com o resultado de duas safras maravilhosos que produziram trigo em abundância e este trigo foi transformado em ouro, comprei a liberdade comprou a



liberdade da maioria deles e de outros que, antes, haviam, como eu, sido vendidos assim.

Comprei todas as terras “improdutivas” disponíveis e fiz de quem as vendeu, indiretamente, escravos de quem foram vendidos pois a eles arrendei as terras que hoje ocupam, continuam minhas, mas, se alguém não a trabalha para produzir, é mandado embora para que procure outro lugar para viver; devolvi prosperidade, dignidade e respeito ao meu povo muito embora muitos me odeiem pelo que fiz.”

Ante a sapiência de Amon o Faraó o interrogou e ficou sabendo que o ouro doado fora multiplicado por dez, somente em duas safras e que ainda assim, a próxima safra já estaria a ponto de ser colhida gerando dois décimos de cada colheita para ele.

O Faraó então, convidou Amon para ser seu conselheiro e, honrado, Amon solicitou que permanecesse em sua região, para também continuar a fiscalizar a produção.

Acostumado à soberba que exerciam seus conselheiros no palácio, curioso, o Faraó perguntou:

- “Porque não queres participar da corte, se é desejo de todos exibirem-se como conselheiros do Faraó? ”

Poderoso Senhor, não separei somente as melhores sementes, às misturei com outras melhores sementes para que, entre si, dividissem suas qualidades então, gostaria de permanecer com o povo que sofreu e aprendeu, muito embora haja entre eles muito joio, para misturar com o saber deles a minha melhor semente.



NÃO CONTES A NINGUÉM

Contos e Ensaios

E Amon, O Oculto, tornou-se um poderoso conselheiro do Faraó viveu, até o fim de seus dias em prosperidade, alegrias e satisfeito em sua vingança.



2 - DON THIAGO DE ANERIS aliás, MUSTAFÁ

As cruzadas em sua quase finitude e Don Thiago impávido, temente a Deus e horrorizado, seguia com os Cavalheiros. Não participava das barbáries cometidas pelos Templários, só matava em combate, não deflorava as mulheres subjugadas, não blasfemava quando a batalha era perdida e sempre orava agradecendo ao Senhor.

Enfim havia chegado à tão sonhada Jerusalém, tão decantada em prosa e verso, venerada pelos cristãos, mas Jerusalém não estava como ele pensara. A cidade estava se preparando para combater contra as forças do Sultão Saladino.

Muitos acreditavam que o exército de Saladino estava debilitado pois havia ele perdido a Batalha de Monte Gisardo ficando seu exército reduzido a pouco menos de dez por cento de seu tamanho original, mas Saladino havia arrebanhado outro exército mais poderoso e já ameaçava conquistar Jerusalém.

Logo as batalhas ao redor da cidade começaram e pouco a pouco, as defesas foram caindo, Ascalon, Beirute, Acre Sidon, Toron, Nabius e Jafa, já estavam em mãos do exército atacante.



Eram poucos os cavaleiros a defender a cidade e o Rei Guido de Lusignan para suprir a falta deles promovia jovens infantis imberbes a cavaleiros.

Não conseguindo a rendição da cidade, Saladino a manda bombardear com pedras e fogo. As catapultas e os trabucos mandavam sua carga para as muralhas e para dentro da cidade minando suas defesas e o moral tanto do povo quanto da tropa.

Entrando pelo quase desguarnecido Monte das Oliveiras, Saladino tomou quase a totalidade da Cidade

O Rei Guido ante à derrota, tentou e conseguiu uma negociação com Saladino: que os habitantes tivessem um salvo conduto para sair da cidade mediante um certo pagamento exceção dada aos quase vinte mil refugiados que não possuíam dinheiro.

Permitiu Saladino também que o arcebispo levasse as relíquias e os tesouros das igrejas e logo, a última torre de defesa, a Torre de Davi, foi conquistada e as últimas caravanas estavam partindo com os refugiados.

Sob sua promessa, os cristãos tiveram salvo conduto para visitar Jerusalém.

Don Thiago encantou-se com Saladino. O “bárbaro e sanguinário” Sultão mostrava-se um cavaleiro e um respeitador, muito ao contrário do que se pregava nas Igrejas. O Monstro de quem ouvira falar, revelava-se um estrategista sutil, um negociador gentil e, sobretudo, respeitador da religião dos outros.



Don Thiago foi um dos últimos a se retirar e, meses depois voltou a Jerusalém e converteu-se ao sunismo, implantado por Saladino.

Foi instado a sair pelo mundo, acompanhado de um crente pregando o islamismo.

Por muitos anos vagaram por toda a região pregando e clamando por Maomé, convertendo pessoas e contando histórias apropriadas da tomada de Jerusalém por Saladino.

Como todos, Thiago agora atendia por seu nome muçulmano, Mustafá (O Escolhido) e destoava, com sua tez branca, dos muçulmanos mais morenos, mas, tal seu fervor, que por eles, além de aceito, era respeitado

O peso dos anos e o grande número de noites dormidas ao relento, a privação de alimento e água trouxeram para Mustafá doenças e seu fiel companheiro Omar foi chamado a acudi-lo.

Fraco, desnutrido e desidratado assim o encontrou Omar.

Oravam e conversavam como sempre o faziam e, já vendo a hora da partida de seu amigo pergunta-lhe Omar:

– Meu amigo, você foi um exemplo de conversão, ainda bem que Maomé conseguiu tocar seu coração para converter-se !

- Não foi Maomé, respondeu Mustafá, - foi Saladino em sua bondade de libertar o povo e deixar a oportunidade de cristão exercerem sua fé que me comoveu, lutar por ele e com ele para difundir o sunismo foi uma honra



Antes que Omar pudesse falar, Mustafá soprou, pela última vez, o ar fora de seus pulmões.

Depois do enterro Omar dirigiu-se à Jerusalém onde encontrou com Saladino e contou-lhes a história.

Saladino ouviu calado e retirou-se pedindo a Omar para nunca mais tocar no assunto.

Omar abatido, deixou que as lágrimas que lavassem o rosto enrugado pois sabiam ele que o amigo havia vivido enganado: Saladino não fora o caridoso como ele pensava, já havia mandado passar mais de setecentos prisioneiros pelo fio da espada, em uma única vez e mais dois assassinara em Jerusalém. Pensava Mustafá que Saladino era iluminado e, estrategicamente, o era. Seu objetivo era conquistar a Europa, mas, como conseguir faze-lo após matar quase vinte mil refugiados? Como se fazer respeitar matando um arcebispo e roubando as relíquias religiosas? Como ser venerado se matasse seu inimigo friamente, fora da batalha?

Saladino fora, antes de tudo, ladino e astuto e reinou por muito tempo.

Conta a história que, depois da conversa com Omar, Saladino mudou seu comportamento e caiu em profunda imersão começando uma imensa campanha de caridade.

Corria o mês de março e o ano era 1193, quando morreu ele, de seu imenso tesouro, advindo de tantas conquistas, quase nada restara, sequer para pagar o funeral, fora tudo distribuído à caridade.



O Mulá que contava esta história, falava dos mistérios de Allah e deixava aos seus alunos a quem pregava a pergunta que até hoje não conseguiram responder, nem mesmo ele:

- Foi Saladino que converteu Mustafá, ou Mustafá quem converteu Saladino?



3 – Dominação

Temido por todos o velho era, antes de tudo, esperto, não fora à toa que conseguira ser quase o “dono da vila”. Seus bens eram muitos, mas ele começara uma luta sozinho, obedecendo o rígido preceito de ser sempre para a família.

A infância de imigrante foi dura, como duro foi, é e será, de todos os emigrantes. Perseguidos, explorados, humilhados, mas, nada disso o abateu, à época era jovem e fazia qualquer trabalho e realizou seu primeiro sonho, a aquisição de uma velha e carcomida carroça que, com o auxílio de familiares, foi sendo reconstruída, um pedaço de madeira esquecido ali, outro jogado fora acolá, um garimpo pelos “restos” tão abundantes. As tábuas de forramento eram uma malha intrincada de pequenos pedaços reunidos que, quando lhe veio a fortuna, virou um quadro que nem os mais eruditos artistas compreendiam e que ele, também, não explicava:

- Dois metros quadrados de madeira arranhada, maltratada e até, em alguns pontos queimada: O FUNDO DA PRIMEIRA CARROÇA.

Mesmo com a carroça e o burro depois adquirido, a vida da família não era fácil, faltava comida, em tempos de “carestia” como se dizia na nova terra-lar. Pedir, era humilhante, mas, ficar com fome, como na terra natal, degradante então pedia. Até que bateu à porta de um comerciante pedindo um pouco de feijão. O comerciante



perguntou-lhe se apenas um quilo de feijão mataria a fome de uma família e o velho de hoje, conhecido também como patrono à época chamado em família de Primo, em razão de ser primogênito disse que, tudo que lhes fosse dado, seria bem-vindo. O Comerciante deu-lhe então alguns quilos de feijão, arroz e alguns outros itens dizendo que, nem sempre aquilo poderia fazer, mas que, ao menos, por um tempo, a família teria o que comer.

Foi-se o carroceiro agradecido e, passados anos de luta, astúcia e trabalho de toda a família eis que se torna o “dono da cidade”

Com esforço, consumou estudos que o levaram a sustentar o título de Doutor e assim era chamado e assim gostava de ser.

Seu capital virou refúgio e abrigo de muitos que dele necessitaram quando não mais tinham acesso aos banqueiros.

O historiador foi em busca da verdade, por trás dos fatos e a motivação e, ao entrevistar o Doutor Primo perguntou-lhe:

-Qual a razão de seu sucesso?

Ele já velho respondeu:

- Estratégia, aprendida com um comerciante que um dia alimentou minha família: - Nunca fazer coisas pela metade, nunca subestimar uma necessidade e nunca esquecer da caridade ainda que fosse recompensado por ela.



Quando um dia, ao invés de receber um prato de comida, recebi alimentos para quase quinze dias, tive os primeiros 15 dias para pensar somente em meus pequenos negócios: Estes quinze dias que não precisei correr atrás de comida me deixaram com tempo para trabalhar e realizar um novo negócio que prosperou e não mais tive que lutar diariamente só pela comida, assim faço até hoje, reservo duas horas de meu dia a pensar ou nos negócios, melhorando-os ou em novos negócios, tentando criar sempre outro que não tenho ainda.

Assim, dou todo meu empenho pelo novo negócio, nada pela metade; o segredo, é fazer tudo por inteiro para ter resultados em dobro.



4 - O Segredo

O ancião estava por morrer, não de doenças, não de sofrimento, era riquíssimo e estava indo, por ter o tempo passado.

Os melhores médicos, desde muito tempo, sempre cuidaram dele, as melhores instalações eram dele e assim viveu desde muito tempo. Por mais que tentassem copiar suas ações, nunca nenhum viajante ou habitante de sua aldeia, próspera aldeia que gravitava em torno de sua riqueza, haviam conseguido descobrir o segredo de sua riqueza.

Invejosos, fiscais, cobradores de impostos, juízes e bandidos sempre o acusavam de enriquecimento ilícito... debalde, os impostos sempre em dia, os empregados satisfeitos com os salários, o harém satisfeito com seu possuidor, filhos sem conflito e, até mesmo os cunhados o reverenciavam. Sim, havia um, porém, nada de caridade, nunca atendia pedidos de esmolas e, cada qual que o procurava, era sumariamente encaminhado a um trabalho, não importava quem e, se o trabalho fosse em uma de suas organizações ou de outrem: - quem quisesse dele algo, só trabalhando para ganhar.

Às viúvas, aos aleijados e estropiados, era dada a oportunidade de alguém trabalhar por eles, nunca nada era dado, sempre trocado.



De maldições, admoestações e invejas, alimentava-se ele pois quanto mais falavam, mais ele prosperava.

Eis que, um dia, como todas as histórias contam, apareceu um mulá invejoso e cético e acusou-o de bruxarias. De pronto, um juiz corrupto, acompanhado de seu séquito instaurou uma investigação e foi, mais uma vez, o benfeitor da cidade, investigado às minúcias e, nada foi de fato encontrado.

Outro juiz, bem jovem, em seu entender probo, perguntou:

- Porque não moves contra estes acusadores uma investigação por ação conjunta de formação de grupo difamador sem provas? Poderias ganhar muito dinheiro e coloca-los à ferros.

O silêncio, longo silêncio foi interrompido por um profundo suspiro e disse-lhe o benfeitor:

- Caro Juiz, sei de suas boas intenções, dinheiro não é mais o que me move e sim, o poder, mas, cá entre nós e, se disseres que sobre isto comentei, negarei, com todas as minhas forças: O que me mantém como estou, além de meu segredo, são os invejosos, os corruptos e os salafrários, assim como Deus necessita do Diabo para que o bem seja a ele acreditado e o mal assumido por Satanás, assim eu preciso destes bandidos, que me promovem a benfeitor. Elimina-los, seria um ato insano de minha parte pois se as pessoas não conhecerem o mal, não saberão o que é o bem”



Passados anos e, em visível e perceptível fim de vida, após ter acompanhado a trajetória corretíssima e humana do juiz, chama-o para uma última conversa

- Senhor juiz, estou em fim de vida, pouco tempo me resta e gostaria de fazer-lhe uma pergunta, se concordar em responde-la sinceramente

Em nossa primeira conversa falei-lhe de meu segredo, que suplantava tudo, até os contraditores, mas que eles, por si só se traíam e me fortaleciam; sempre falei a todos sobre o meu segredo e, invariavelmente quase todos me perguntavam qual era meu segredo e, o único que nunca me perguntou, através destes nossos longos anos de convivência, qual o meu segredo, foi você, por que?

O juiz, já não tão jovem respondeu-lhe: - Venho de uma família de pastores que vivia em um território ocupado por bandidos que roubavam cabras, meu pai, sempre nos colocava tomando conta de meia dúzia de animais em ambientes extremamente à mercê dos bandidos e, surpreendentemente, nunca fomos roubados, os meliantes sempre diziam:

Há são só meia dúzia de animais e um garotinho, deixemos de lado vamos em busca de maiores rebanhos. Bem, éramos uma família grande e, contando com meu pai, minha mãe meus irmãos e irmãs, somávamos 10 pessoas que tinham, cada um como atribuição, tomar conta de 10 animais, se um perdesse os dez, ainda sobrariam noventa. Este era nosso segredo, se o contássemos, logo todos os pequenos grupos seriam roubados e ficaríamos na miséria razão de entender,



em meu modesto aprendizado de criança, o valor de um segredo ser guardado, razão de nunca estar, embora curioso, disposto a saber seu segredo.

Mais uma vez, o silêncio precedeu o suspiro e o quase moribundo disse ao juiz: -O segredo, posso lhe contar, mas, você já o sabe e o aplica. O sucesso de sua atuação justa, é baseado no meu segredo e este segredo deve ser revelado e, se revelado for, será o mais difícil de ser usado pois não será compreendido; concordas em revelar este segredo?

A surpresa do juiz foi tamanha que engasgou e, trouxeram para ele um copo de água para que aplacasse a tosse do engasgo.

Ainda vermelho e ofegante, o juiz prometeu contar o tal segredo que nem ele mesmo sabia que usava.

O benemérito então explicou: - Caro doutor das leis, as leis são para serem aplicadas e, se assim o fora, para que mereceriam a intervenção de um juiz? Ladrão tem que ser decapitado então, pego o ladrão com o roubado, sumariamente, seria decapitado, mas, há a figura do juiz que irá interpretar a razão do roubo: - Seria culpado o pai que roubasse um pedaço de pão para matar a fome do filho e de seu irmão? Sim, não haveria dúvidas, mas, seria este ladrão tão culpado quanto o mulá que desvia as oferendas e o alcaide que subtrai parte dos impostos? Pois assim o é, a necessidade do juiz faz-se não para estabelecer a lei e sim para aplicar a pena de acordo com a gravidade delas. Desta forma, em toda a minha vida, assim o fiz e vou lhes explicar o meu segredo, com todos os detalhes.



Arfante, e debilitado recebeu o benemérito de seu criado o cuidado, uma chávena de chá, metade tomada e metade posta de lado.

Voltando às explicações o benemérito falou: - Caro doutor, o chá que tomei era puro e, no fundo da chávena, ficaram as impurezas: Chá ruim? Claro que não, apenas a borra que não me fará mal, mas deixará um fundo amargo, diminuindo o prazer do puro chá. Assim fiz, dei para quem me procurava com boas intenções, a boa parte do chá e aos que não me procuravam a não ser por interesse próprio, a borra, que os satisfazia, mas, com um gostinho amargo. Aos aleijados e viúvas, nada lhes dei, mas lhes ofereci um emprego para um cuidador, cobrei que procurassem não uma efêmera esmola, mas alguém que deles, fosse cuidador; aos sãos, dei trabalho, muitas vezes, por ter a necessidade de dar-lhes trabalho e assim criei empresas, onde eles prosperaram a ponto de me colocarem rico, já com os senhores empreendedores que me procuravam, uma divisão havia: os que menos arrogantes eram, melhores oportunidades recebiam e assim, logo se tornavam prósperos mas, aos bajuladores e oportunistas, as piores oportunidades eram dadas para que não prosperassem assim, fazia a justiça, a meu modo em suma, como o Senhor, fui JUIZ.



5 - ESCOLHAS SEM MÁGOAS

Jamal, também conhecido como O VELHO, tinha fortuna imensa, muitas cáfilas que transportavam toda sorte de mercadorias desde pedras de sal até a preciosa água, mas nem sempre fora assim, desde cedo o pequeno tuaregue viajava com seu pai, em longas jornadas, cuidando dos camelos ou cuidando da preciosa água. A tribo Afar era sua família, o deserto sua casa e os camelos, seu sustento.

Quando seu pai morreu Jamal estava com 14 anos e já era um robusto jovem assim, o dono da cáfila continuou com ele, em substituição a seu pai. Ao contrário dos outros trabalhadores ele não gastava inutilmente seu salário, o guardava cuidadosamente quando ia a aldeia, entregando-o a uma velha tia, que dele cuidava e um pouco recebia para seu sustento. Passados dez anos Jamal conseguiu juntar o suficiente para comprar três camelos e, aliando-se a uma cáfila conseguiu aumentar seus lucros e comprar mais camelos.

Conhecedor das rotas e da necessidade do povo, não só sal transportava, mas também, especiarias, que eram leves e alguns tecidos.

Logo ficou conhecido como mascate e, desta forma, prosperou, a ponto de fazer percorrer, com várias cáfilas, quase toda a extensão do deserto.



Aos trinta e cinco anos, já possuía mais de duzentos camelos e então, resolveu instalar-se em um ponto onde poderia estar entre os dois extremos do deserto, onde mantinha representações e podia tomar conta de seus negócios.

A primeira mulher deu-lhe uma menina e ele casou-se com mais uma e, de acordo com a tradição, com várias, de quem nasceram vários filhos.

Quando a idade não mais lhe dava o vigor físico, decidiu com suas mulheres que não mais escolheria aquela que passaria a noite com ele e sim, haveria um sorteio, um inusitado sorteio:

Para que não se sentissem rejeitadas, mandava que todas adentrassem à sua tenda e, depois que lá estavam, mandava fechar as aberturas, ficando tudo envolvido em impenetrável escuridão. Mandava então que elas andassem em círculo, em meio ao negrume pois ele percorreria o círculo e, no escuro, escolheria a sua consorte.

É sabido que as mulheres, cada qual delas, cuidava de seus filhos e, segundo a tradição, os ouros que ganhavam ficavam pendurados em seu corpo: colares, pulseiras, anéis, piercings, eram por elas carregados dia e noite para que, em caso de infortúnio, pudessem sair para outros lugares com bens suficientes para viver com seus filhos.



Curiosamente, Jamal as presenteava com todos os adornos exceto os prendedores de cabelo que, segundo dizia ele, eram chamariz para ladrões.

Assim sendo, as mulheres usavam seus prendedores ou de osso ou de madeira exclusivos, fabricados sob a orientação de Jamal.

Pois bem, a cada dia Jamal chamava uma das camareiras de suas mulheres e lhe dava uma presilha com a orientação de colocar sobre a cabeça de uma determinada esposa, que dormiria com ele, se estivesse disposto, com uma das mais novas, se estivesse cansado, uma das mais velhas.

Esta presilha era diferente a percebido pelo tato assim, na tenda escura, ela passava a mão na cabeça das mulheres e sabia qual ele havia escolhido, sem magoar as demais.

E assim conviveu com suas esposas até o momento de não mais precisar fazer escolhas.



6 - LARANJA MADURA

As laranjas não ficavam no pé, à beira da estrada ou eram roubadas ou apareciam bicadas. O plantador usou de todos os artifícios possíveis: um espantalho, para tentar a afugentar os pássaros, mas, passarinho não acredita muito em espantalho e o usavam como poleiro então, construiu um que se movimentava ao sabor do vento ainda assim, os pássaros não respeitavam por fim, montou um barulhento que usava a força da água e emitia ruídos... com alguns resultados, mas, a praga maior; os ladrõezinhos de beira da estrada que entravam no pomar e roubavam os frutos maduros.

Não haviam muito o que fazer, não se conseguiu ia ficar o tempo todo à espreita e raros eram os moleques e adultos que eram pegos no flagrante.

Por mais que tentasse, mesmo com uma produção boa, sempre sobravam poucas laranjas para serem comercializadas.

O plantador, em um dia de fúria, derrubou todas as laranjas, ainda verdes, no chão.

Quando se deu conta, viu que sua fúria apenas destruía mais laranjas e, consternado, as enterrou na areia, sob os pés.

O tempo, senhor da verdade, fez com que ele contasse à esposa o ocorrido, sendo consolado e repreendido por ela.



O mundo feminino tem o dom matriarcal e a mulher, didaticamente, solicitou ver as laranjas enterradas, para ver se aproveitava alguma para os filhos.

O plantador irritou-se, pela segunda vez, para que queria a mulher desenterrar seus pecados? Vociferando começaram a discutir e a mulher foi irreduzível, queria ver as laranjas, com o intuito de mostrar ao marido a falta de praticidade e de temperança dele, dar-lhe uma maternal lição.

-Depois do almoço, vamos lá, disse o marido e, depois do almoço, mais uma vez protelou, o sol estava muito quente.

Insatisfeita, a mulher, depois do almoço, resolveu ir colocar ao sol as laranjas verdes que, supostamente, deveriam estar apodrecidas.

Amuado e resmungando o marido a acompanhou e, depois de retiradas as laranjas, com surpresa, viram que estavam maduras, o calor do sol sobre a areia havia dado a elas cores do sol, a casca perfeita e o mais doce sabor.

A mulher não tripudiou, mas perguntou ao marido: - Há quanto tempo estão aí?

-Há alguns dias, nem lembro direito.

A mulher com uma vara derrubou mais laranjas verdes ante o atônito marido:

-Que fazes mulher?

-Vou enterrar mais laranjas e ver em quantos dias amadurecerão.



E assim feito, descobrindo-se os dias necessários, as laranjas eram colhidas ainda não maduras e enterradas, sendo depois levadas ao mercado.

O marido vendo a sabedoria da esposa e, não querendo ficar para trás disse-lhe: - Deixemos algumas nos pés, virão os pássaros e as bicarão, virão os ladrões e verão poucas laranjas estragadas e assim, não teremos mais problemas.

Contam as lendas que o casal prosperou e que seus laranjais eram tidos como encantados.



7 - O ENGODO

Pelo posto de fronteira, todo dia passam pessoas conhecidas que vão a trabalho ou em busca de algo para trazer de outro território.

Quase sempre, um espertalhão tenta passar pela barreira com algo escondido, para não pagar os impostos e, aos guardas fronteiros, cabe não deixar que isto aconteça.

Não há um dia em que um contrabandista não seja pego, pois, acostumados aos mais diversos artifícios, os guardas estão atentos e preparados contra fundos falsos, materiais disfarçados e uma infinidade de outros truques, cada qual mais engenhoso que o outro.

Fidelis, era um destes guardas, já contava com tempo para aposentar-se, mas seus chefes não queriam que isto acontecesse pois era ele o melhor comandante, mas, eis que um belo dia, resolveram conceder-lhe a merecida aposentadoria.

Antes de se aposentar, porém, deveria passar a seu sucessor todas os procedimentos que aprendera.

Mostrava ele os contumazes atravessadores da fronteira, os que ofereciam perigo e os que não.

-Aquele ali, dizia ele, ao sucessor, não traz perigo e nem surpresas, toda quinta e todo sábado atravessa a fronteira para buscar lenha do outro lado, para vender nas feiras de



quarta e domingo, porém, lenha, não paga impostos, embora valha muito pouco e pouco deve ele ganhar, mas, lá se vão vinte anos que ele faz a mesma coisa: Não procura horários alternativos, só carrega seu farnel e o cantil e a liteira que seu animal leva vai vazia e volta cheia, o animal quase se estrebuchando de tanto fazer força.

Pensávamos, eu e os colegas que algo ele contrabandeava, por inúmeras vezes o paramos.

Revistamos os arreios, rasgamos seu forro que ele costurou depois, desmontamos a liteira, vasculhamos a lenha, revistamos o sujeito e nunca encontramos nada; até mesmo seus cabrestos foram minuciosamente perfurados para ver se algum ouro ou joia havia em seu interior, ou mesmo uma pequena pedra preciosa, mas, nada, sempre é assim, ele passa às 6:30 e retorna à tardinha quando o sol já está mais fresco, quase noite, sempre carregando lenha.

O novato ficou intrigado e, na primeira vez que o “Seu Madeira”, como era conhecido foi passando, foi convidado a ser revistado. Sem nenhum esboço de surpresa ou desagrado, “Seu Madeira” cumprimentou o oficial e saudou-o:

- Boa tarde, pelo que vejo, temos um novo comandante aqui, desejo-lhe sucesso, gostava muito do Comandante Fidelis, mas já estava merecendo a aposentadoria.

A revista foi minuciosa, forros de arreio rasgados, cabrestos perfurados, estribos testados, tudo sem sucesso.



Por mais de dez vezes isto aconteceu e, nada, o homem nada carregava a não ser lenha.

O comandante desistiu e passaram-se três anos até que um dia, estando de folga, o comandante depara-se com “Seu Madeira”, muito bem vestido, a saborear um finíssimo conhaque, na mais cara taberna da cidade.

Seu Madeira deu-se conta da presença do Comandante e, acenando, o convidou para tomar um trago.

Surpreso, o Comandante aceitou e ficou pensando porque o sujeito não lhe tinha raiva, depois de tantas revistas e ainda o convidara para tomar um conhaque caríssimo.

-Seu Madeira, estou surpreso de que a lenha lhe tenha trazido tantas oportunidades para ganhar dinheiro.

- Lenha? Não comandante, eu não vivo de lenha aliás, esta semana foi a última vez que fui buscar, a partir de hoje não passarei mais pela fronteira pois pretendo dedicar-me a meus negócios, tenho um haras aqui perto.

- E como foi que conseguiu isto tudo? Perguntou o incrédulo comandante.

- Bem, é um segredo que, agora, posso contar, desde que o Sr. prometa que não irá me denunciar.

-Pois bem, não o denunciarei se contar seu segredo.

- Bem, meu grande negócio, sempre foi contrabando de éguas, principalmente as paridas elas são abundantes no outro território, tem preço baixo de aquisição e alto de



revenda por aqui além de que, ainda posso ganhar algum potro.

-Só queria entender: O Senhor toda terça e todo sábado contrabandeava uma égua e, ainda por cima, parida?

-Parece que vocês nunca desconfiaram, somente o comandante Fidelis, uma única vez quase me pegou porque a égua se recusava a puxar o peso da lenha que, diga-se de passagem, até um menino carregaria, mas, como ela já estava quase parindo... assustou-se.

Ainda bem que consegui faze-la andar, fiquei quase duas semanas sem fazer meu serviço!

-Desculpe-me Senhor, parece-me uma história muito mentirosa: Como contrabandear o animal se levavas um e trazias somente um?

-Aí está o segredo: atravessava a fronteira sempre com uma égua recém parida. Ao atravessar, procurava um lugar ermo da fronteira onde havia algum pasto e água e a soltava depois, dirigia-me a um ponto combinado e meu contato lá estava com uma égua que recebia arreios e acessórios das outras, catava alguns gravetos leves, colocava na liteira e atravessava a fronteira, operação que me consumiu o dia quase todo, razão de sair às 6:30 e só voltar às 5 ou seis, quase escurecendo e passando tranquilamente pela fronteira sem perder uma única égua, até hoje.

-Sim, mas e a égua que tinha saído como traze-la?

- Não precisava, a égua parida é uma mãe zelosa, até mesmo Gengis Khan as utilizava para voltar para casa em meio à



NÃO CONTES A NINGUÉM

Contos e Ensaios

noite, basta amarrar o pequeno potro que, distante da mãe, ficará inquieto e começará a chama-la, do outro lado da fronteira então ela, no local ermo e de difícil acesso até por um homem, marchava ao encontro de seu filhote. Funciona assim!



8 - O NAVEGADOR

(Inspirado em AUROMAR, autointitulado “NAVEGADOR DA PRAIA DO SUÁ” divertido amigo que levantou ancora do porto terra e agora navega nas águas celestiais)

O comerciante chamou o antigo navegador para ajudá-lo na gestão do transporte marítimo. Alegou ele que a equipe antiga o estava boicotando e que tinha contratado alguns aprendizes para realizar o transporte. Disse ter comprado uma frota pequena e contratado uns poucos marinheiros.

O navegador, conhecedor profundo da alma humana, foi ter com os aprendizes e seus afazeres., tendo-se surpreendido com a inventiva dos mais jovens.

O transporte fluvial, na boca do rio requeria uma travessia complicada, de velas enfunadas e precisão, para a descida podia-se ir de vento contrário, mas, para subir, somente com vento a favor. Desta forma, era sempre necessário carregar todo o velame rio abaixo e rio acima mesmo tendo-se que usar somente metade do velame na descida.

Os mais jovens ignoraram as instruções dos antigos marinheiros e, ao meio do rio, foi fincada uma grande estaca, capaz de suportar a ancoragem dos maiores barcos e a ela, foi amarrada uma corrediça por onde passava uma corda ligada à margem.

Quando o barco ia descer, através da corda o barco era puxado até o meio do rio e de lá posto a navegar pois, para alcançar a margem, rio abaixo, não precisava de todo o



velame, ia ao sabor da fraca corrente, até atracar na outra margem. Até aí tudo bem, mas o velame, ainda precisava ser carregado e ocupava vinte por cento do espaço de carga. A solução foi mandar os barcos somente com um velame, do meio do rio, para outra margem assim, sobravam mais 10% de espaço para cargas.

Mais e a subida do rio como subir sem velas?

O segredo estava na descida, desciam 8 barcas carregadas com 90 por cento de carga e duas carregando, cada qual, 5 velas assim, ao invés de carregarem somente 640 espaços de carga, levavam 720, um ganho de 80 espaços de carga para baixo o que, ao longo de 100 viagens perfaziam 11,11% a mais de carga transportada para baixo então, na subida, todas voltavam com 80 espaços.

O navegador, em conversa na taberna onde tomava sua cerveja e contava suas histórias, notou um certo inquietamento na tripulação dos antigos barcos que, segundo o comerciante, estavam boicotando a operação, sentindo-se eles agora, acuados pela frota mais jovem e mais eficiente.

Depois de analisar a situação o navegador foi mostrar ao comerciante a eficácia dos jovens e, astuto, percebeu que o comerciante, há muito já sabia deste artifício inteligente.

Depois de explicar ao comerciante o navegador, com sua experiência, inquiriu o comerciante:

- Bem, acredito que você já sabia disso então não foi para isso que me chamou, é verdade?



O comerciante confirmou então, o navegador lhe disse:

- Bem que poderias ter-me dito que o real motivo de ter vindo aqui não era validar, para você a operação e sim chancelar, ante os antigos marinheiros, a operação perfeita dos meninos, colocando dúvidas na operação anterior, por eles realizada, sem delas mal falar.

-Meu caro e astuto amigo, trouxe-o, sim, para que mostrasse a eles que este velho aqui, ainda é dono de seu negócio e que não precisa deles, podendo substituí-los, a qualquer tempo por outros, mais novos e menos exigentes.

- **JUSTAMENTE**, disse o navegador, esqueceram eles de que não se deve ter medo do diabo porque ele é feio e sim, por que é velho e cheio de artimanhas!



9 – OBLITERAÇÃO

Desde quando a comunidade descobriu como fazer o doce dos frutos nativos utilizando antigas práticas, passadas de mães para filhas, as atividades da região aumentaram substancialmente.

Primeiro, o excesso de frutos sempre ensejava desperdícios e, alguns deles, foram utilizados para se fazer um doce, com pedaços do fruto.

Logo outros quitutes foram aprimorados; geleias, cremes, melados, sucos, frutos secos e vários produtos foram sendo produzidos, dando fama à localidade que começou a receber turistas, interessados, não precisando mais eles ir em busca de compradores.

Como sempre acontece, um espertalhão resolveu ganhar mais do que outros e passou a produzir vários dos produtos de forma industrial, em uma fábrica na cidade, trazendo os produtos já prontos e embalados para serem vendidos na localidade além de continuar a fabricar os seus com baixa qualidade.

A comunidade, em vão, tentou demove-lo e eis que, para se verem livre de concorrência desleal, o denunciaram aos fiscais de comidas.



De nada adiantou e o inescrupuloso continuava a fabricar produtos de baixa qualidade então, resolveram junto aos juízes solicitar uma licença especial de fabricação, que fosse dada para quem produzisse direito. O juiz concedeu a licença, mas, o homem teimava em desrespeita-las e, por direito, ainda ostentava a licença especial.

Aborrecidos, foram procurar um conhecido juiz de paz, figura que se especializara em promover justiça através de acordos e combinações entre as partes.

O homem aborreceu-se com a intermediação e ameaçou tanto o juiz quanto os habitantes.

Há pouco tempo, os serviços de correspondências haviam iniciado um mapeamento rural com fins de delimitar áreas e denomina-las por nomes.

Ocorre que o juiz de paz, paciente, mas ferido em seus brios, foi ao centro postal saber do único representante de lá, um velho carteiro, como aquilo seria feito e o carteiro então explicou-lhe que, com base em seu conhecimento, as localidades receberiam suas delimitações já que não existiam documentos que comprovassem corretamente os nomes.

O juiz promoveu uma festa, com os quitutes regionais e a todos convidou, inclusive o infrator e o carteiro.

Na festa, foram servidos todos os quitutes e o carteiro, ciceroneado pelo juiz surpreendeu-se com a diferença de qualidade, instigado pelo juiz, entre os produtos da aldeia e do infrator.



Passados dois meses, o carteiro procurou o juiz e disse-lhe:

- Sr. Juiz, acredito ter uma solução para que os produtos da aldeia, de tão alta qualidade, não se misturem aos trazidos de fora de baixa qualidade: o que temos aqui é uma aldeia separada de outras regiões por pequenas montanhas então, se dermos o correto nome somente à aldeia, os produtos dela poderão ser conhecidos pela qualidade e outros, que não são feitos no território, que façam como quiserem. Já mandei aos meus superiores, mês passado, a solicitação dos nomes; a Aldeia se chamará Entre Montanhas e as demais localidades receberão outros nomes inclusive, a localidade do infrator será conhecida como Vale das Frutas.

O Juiz de Paz, compreendeu a astúcia do carteiro e o cumprimentou e tomou algumas providências: Indo até o Alcaide, explicou-lhe o ocorrido e disse-lhe que criasse junto aos artistas locais, um concurso para o scudetto que representaria entre montanhas.

Quando todos rumam para o mesmo objetivo, ele parece mais fácil; o Alcaide depois de aprovado o scudetto, mandou publica-lo no poste de informações da aldeia e, à entrada e saída, colocou placas indicando o começo e o final da Aldeia.

De posse dos scudetos, os produtores mandaram fazer gravuras que acompanhavam os produtos, reproduzidas em papel rústico, informando que aquele produto fora produzido e só poderia ser produzido **ENTRE MONTANHAS**.



Estava carimbada a saga destruidora do infrator que passou a tentar fazer tudo o que fora feito em ENTRE MONTANHA solicitando, inclusive à corte, a inclusão de seu território na região de ENTRE MONTANHAS ao que o juiz respondeu dizendo que seria impossível pois as terras dele, não se encontravam entre montanhas e sim em um vale fora das montanhas.

Esta história foi-me contada por Serapião que recebe, toda semana, em sua casa, um cesto com as iguarias de ENTRE MONTANHAS não por acaso, a profissão dele é carteiro aposentado.



10 – AS MOEDAS DE JANUS

Chama-se Janus o esperto Alcaide de Brumas. Brumas era um burgo pequeno, espremido entre Clarus e Brilhus, dois burgos maiores que viviam sempre em conflito interno.

Por mais que se esforçassem, os Alcaides dos outros burgos não conseguiam a paz que Brumas ostentava. Lá não existiam contendas, não existiam brigas e, as menores alterações sequer eram levadas ao Juiz de Paz que, aliás, contentava-se em não ter que resolve-las ainda mais porque nada recebia, só promovia a paz, ao contrário de outros Juízes de Carreira que promoviam seus julgamentos, por muitas vezes, não se baseando na lei.

As Alcaides de Clarus e Brilhus reuniram-se para tentar entender o que se passava naquela pequena Brumas e, por mais que tentassem, não conseguiam entender o baixo número de contendas e a grande paz que lá reinava assim, resolveram convocar o Alcaide de Brumas para tentar entender o que acontecia. Em um jantar, serviram a iguaria predileta do Alcaide (que pesquisaram para descobrir) um carneiro criado em Clarus regado ao bom vinho que se produzia em Brilhus. O Alcaide não se fez de rogado e foi devorando o carneiro e os outros dois, vendo que ele não contava seu segredo, foram enchendo seu copo de vinho e,



pensando tê-lo embriagado, repetidamente perguntaram pelo segredo.

O espero Alcaide Brumense, percebendo a tentativa, foi pouco a pouco dizendo que revelaria seu segredo, ao fim do jantar, quando solicitou, também, a sobremesa e um licor local, conhecido por seu sabor e alto teor alcoólico.

De pança cheia, em tom de confiança, eis que ele anuncia que vai contar seu segredo e ante os estapafúrdios vizinhos, mostrou-lhes uma moeda: - Uma moeda, eis o que resolve tudo, não é preciso mais do que isto, acordo com os dois contendores que o assunto é muito difícil de resolver e invoco o Deus Janus, que tinha duas faces, uma ligada ao passado, outra ao futuro, tendo ele dado nome ao mês de janeiro que olha para o atrasado dezembro e para outro lado o futuro fevereiro. Com a concordância dos dois, jogo a moeda para o ar e a recolho na palma da minha mão e mostro aos dois assim, o que perdeu atribui sua perda ao azar dado a ele por Janus e de outra forma o outro que ganhou, também atribui tudo a Janus e, vão-se eles resolvidos.

O Alcaide de Brilhos pediu então para ser presenteado com aquela moeda “mágica”, sob protesto do Clarence que também a queria.

- Calma, falou o Brumense, tenho cá duas moedas iguais, podem ficar com eles aliás, carrego sempre moedas em meu bolso, pois não sei quando delas precisarei: Ei-las, duas moedas iguais, vou coloca-las em minha mão fechada e balançar e cada qual ficará com uma. Vede que: são



absolutamente iguais, não existem diferenças então, balançando a mão e a abrindo disse-lhes: escolham!

Ambos queriam ser os primeiros então disputaram quem seria o primeiro, lançando ao ar uma moeda depois de escolhida a face para cada um assim, nenhum dos dois ficou insatisfeito e ele disse:

- Não lhes falei: todos dois tem razão e todos dois saíram satisfeitos, mas, agora, já bebi demais e tenho que voltar para casa, façam bom proveito e, grato pelo excelente jantar em verdade, nunca tinha comido de um carneiro tão bom e de um vinho tão perfeito, agradeço.

E foi-se o Alcaide de Brumas, com um sorriso no rosto.

Enquanto ele ia embora os dois Alcaides que receberam suas moedas confabulavam entre si – Que sujeitinho estranho, e como come, como bebe e ainda, que falta de educação, ainda tem coragem de pedir a sobremesa e um licor, mas, pouco importa, agora que sabemos seu segredo prosperaremos em paz. Mas, meu caro colega como o sujeito se veste, imagine, usar uma calça com quatro algibeiras... viste como ele sempre mantém a mão nas algibeiras pequenas embora as moedas, como viste, as guarda nas grandes? Vá lá entender estes tipos...

Muitas foram as contendas resolvidas pelos dois, com o artifício da moeda de Janus, que nos dias de hoje são chamadas de face e coroa, mas, nem assim, conseguiam a taxa de sucesso do colega, ainda muitos eram os conflitos.



Brumas prosperava, sem necessidade de um aparelhamento de segurança e sem conflitos, crescia enquanto Clarus e Brilhus pouco se desenvolviam, derivando seus recursos para o exército e para o aparato de prisões e justiça.

Com o crescente aumento da violência, habitantes de Clarus e Brilhus começaram a se insurgir com seus Alcaides o que não era bom para Brumas pois a qualquer momento a violência poderia extrapolar para seu território.

Assim sendo, o Alcaide Brumense entrou em contato com o Clarus e Brilhus propondo uma reunião para desvendar mais um segredo de sua administração que resolveria todas as contendas internas deles, condicionando que seria em um lauto almoço com carneiro, vinhos, sobremesa e licores e, que, na disputa entre face e coroa, seria disputado quem pagaria a conta sendo que os itens seriam disputados da seguinte forma: Clarus forneceria o carneiro, Brilhus os vinhos e Brumas a sobremesa e os licores.

Na data combinada reuniram-se os três em Brumas, na singela casa do Alcaide que, por dentro nada era singela e sim uma confortável residência, bem melhor do que as sustentadas por seus colegas.

Ao fim da refeição, muito sobrava e O Alcaide de Brumas fez uma nova proposta, que quem ganhasse as apostas ficasse com o imenso banquete que ainda sobrara alertando que estava em vantagem e que, depois de explicado o segredo faltante, ninguém poderia reclamar.

Assim combinado puseram-se a disputar: Tirando uma moeda do Bolso o Alcaide de Brumas pergunta ao de



Clarus: - Meu amigo, aqui estamos disputando quem pagará pelos carneiros que trouxeste ao banquete, que escolhes desta moeda que vos apresento: a face ou a coroa? – Coroa, respondeu o outro.

Então ele coloca a mão no bolso, com aquele hábito já notado anteriormente por seus colegas e pergunta: Tens certeza? Ao receber a resposta afirmativa tira ele a mão do bolso e joga a moeda para o ar deixando que ela caísse ao solo com.... a face virada para cima!

-Bem, falou ele, vamos agora Ilustre Alcaide de Brilhos à nossa disputa, quem pagará os odres de vinho que trouxeste? Queres escolher que lado desta moeda?

– Escolha você então disse-lhe o opositor.

- Olhe bem esta moeda, veja uma face e uma coroa, estas mesmo certo de sua escolha? Eu escolheria Coroa Bem, já que concordaste, embora esteja nervoso, vamos ao jogo (enquanto isso suas mãozinhas brincavam com a moeda dentro do bolso) e tirando a mão jogou a moeda ao ar que caiu... com a Coroa para cima.

-Ainda nos restam dois itens e vamos disputa-los e assim sendo, O Alcaide de Brilhos ganhou as sobremesas e o de Clarus as duas garrafas de licor.

Riram-se, porque todos ganharam e então passaram a colocar o assunto que os trouxera ali.

-Queremos saber então como esta moeda é usada porque as que usamos, pouco efeito fez.



-Explico-lhes amigos, mas antes quero saber de vocês se estão ou não satisfeitos com os resultados dos sorteios... e porquê.

Ambos argumentaram que os sorteios foram justos e que, ao fim, todos ganharam.

- Pacientemente o Alcaide de Brumas falou ante o espanto deles: Só eu ganhei, vocês dois perderam... explico: Ganhei de Claros dois carneiros magníficos e de Brilhos vários odres de excelente vinho ao passo que um de vocês ganhou dois pudins feitos por minha mulher e outras duas garrafas de licor feitos por meu serviçal ambos deliciosos, eu bem sei, mas, muito menos valorosos, mas, mesmo assim deixei-os satisfeitos porque tiveram a sensação de terem ganho.

Fiz com vocês o que faço com todos que me procuram, dividi o prêmio, nunca coloquei o objeto da demanda por inteiro, sempre decidi em duas partes uma maior e outra bem menor.

Sei que quando me veem sempre riem de minhas calças de quatro bolsos e ficam tão escandalizados com ele que sequer prestam atenção em minhas mãos quando as coloco nos bolsos das calças.

Os bolsos de baixo estão sempre cheios de moedas, do tamanho das encontradas nos bolsos de cima que, aliás, são somente duas.

Apresento-lhes uma moeda qualquer dos bolsos de baixo, mostro-lhes as duas faces e enrolo na pergunta sobre a escolha de face ou coroa, com as mãos já nos bolsos



superiores onde estão meu segredo, no bolso esquerdo; lembrem-se que prometeram utilizar, mas não contar meu segredo e que não poderão se rebelar com os resultados e mais uma vez pergunto: concordam?

Pois bem, continuando, no bolso superior esquerdo, tenho uma moeda com duas faces, perdão com duas faces impressas em ambos os lados e no bolso direito uma moeda com duas coroas impressas, uma de cada lado assim, escolho qual moeda cairá no chão e já que está no chão, ninguém duvida de nenhum truque. Recolho a moeda e coloco novamente em seu bolso correspondente.

Como resolvo os conflitos? Não os resolvo. Assim que me são solicitados os serviços de intermediação, sempre peço alguns dias para me inteirar do assunto e fico sabendo quem está com a razão.

Quando chegam para a reunião, só concordo em fazer os sorteios por partes e a maior, é dada, sem que percebam, a quem julgo que tenham razão pois meu julgamento foi baseado em fatos e depoimentos assim, ilusoriamente, todos ganham e ninguém fica insatisfeito, assim como aconteceu com vocês.

Nunca me utilizei isto em proveito próprio, somente hoje e, para proveito de vocês, portanto, convido-os a cearem comigo amanhã com todos estes quitutes.

Agora que sabem o segredo, disse ele sorrindo, vamos fazer uma aposta? Face, ou Coroa, o que escolhem?



11 - O PURGATÓRIO SEGUNDO CAM

Nascido de Amós e Sara, Cam era o primogênito e, conta-se, já aos seis meses começara a falar já indicando o que lhe desagradava.

Como era o costume, só fora batizado quando pudesse ser mergulhado nas águas. Seu nome surgiu de um acidente, ao apontar para os mal feitos do primo, caiu de seu berço e foi então batizado de CAM que significa abrasador, colérico, avermelhado ou nariz partido, o que aconteceu quando caiu.

Fez jus ao nome, foi convocado a trabalhar como fiscal do Faraó e andava por todos os lados. Não se limitava ao dever de ofício, tudo observava, anotava e se imiscuía em assuntos que não diziam respeito a seu ofício. Logo, aos descobrirem sua tendência de perscrutar os espões reais o convocaram e ele foi promovido a um deles.

Diz o ditado longo e que, para conhecer alguém, dê-lhe o poder e, assim, aconteceu.

Cam tornou-se mais do que um espão, virou um virulento fofoqueiro, tudo via tudo sabia, tudo comentava.

Quando da morte do Faraó, foi escolhido para a suprema honra: - Seria enterrado na tumba do Faraó e, por ordem do Arquitecto Real, foi-lhe dado em lugar de destaque: foi enterrado à porta da tumba, por último. Viu, testemunhou,



escreveu e registrou tudo o que acontecia, com seus requintes de detalhes, gravou os hieróglifos em extensas paredes, lá contando mínimos detalhes de todos que adentravam à pirâmide do faraó.

Embalsamado, com todas as formalidades CAM chega após sua morte, frente a Anúbis, para ser julgado no Tribunal de Osíris. A ele foi entregue o Livro dos Mortos para que se apropriasse do conhecimento necessário para participar do ritual a ser seguido. Começado o julgamento foram-lhe perguntados pelas quarenta e duas divindades se havia cometido as infrações fatais:

-Roubaste? - Não;

-Mataste? - Não!

-Cometestes Adultério? – Não;

-Mentiste? – Não;

-Causastes Confusões? – Não,

-Mantivestes relacionamentos com outros homens? – Não

Bem, pergunta-lhe a última divindade: Escutastes Conversas alheias?

.... As lágrimas correram pelo rosto de CAM,

-SIM respondeu ele, as escutara e as transmitira a outros espões do Faraó e ao próprio Faraó.

- Ao que parece, disse a divindade cometeste a menor de todos os delitos assim, vamos proceder à pesagem de seu coração e se ele for mais pesado do que suas penas, serás banido, não poderás entrar no Duat, onde ficam os mortos



e o Deus Crocodilo devorará sua cabeça, que se proceda a pesagem.

E, retirado de seu corpo mumificado o coração foi ele posto na balança pesado, repesado e, por mais três vezes repesado e as divindades se reuniram pois o fato era inusitado o coração aquilatado, não era mais nem menos pesado, igualava-se ao peso de suas penas.

Ante tal fato, nunca antes acontecido, foram deliberar o que fazer com o falecido

- Não poderá entrar no Duat, disse um, cometeu uma pena!

- Não poderá ser dado ao Crocodilo, pois seu coração não era mais pesado, disse outro!

E após muito debaterem, chegaram ao final com veredito empatado, metade era a favor da entrada e outra a favor da condenação.

Sem uma conclusão, voltaram-se a Anúbis, que a tudo assistia calado.

- Ó poderoso Deus, estamos em triste estado, pela primeira vez, votamos empatado como vistes, o coração de CAM não é mais nem menos pesado, fato dado e nunca passado o que faremos?

Depois de muito ter meditado Anúbis bateu no chão seu cetro de trovão e depois do relâmpago reverberado proferiu sua decisão:

- Não tendo, vocês e nem eu nenhuma conclusão, não deixemos pendência de lado, CAM irá estar, onde foi



enterrado, as portas da pirâmide do Duat onde muitos não puderam entrar e outros lá dentro estão. Será eles postado às portas, como guardião, escutando os que vão passando para ver se deixaram de lado, uma mentira que esconderam, até de seu próprio coração e, quando somente um encontrar, sua pena será perdoada e enfim no Duat, será permitida sua entrada.

Conta a lenda que CAM até hoje lá está, a mentira de alguém, tentando escutar, no limbo que o deixaram, até a pena pagar. Paga caro o espião que vivia a escutar, espera ele que a mentira escape, vinda de algum lugar.



12 - A Nata do Leite

O pastoreio exigia lides de sol a sol, chuvas sem proteção e às ovelhas dedicação. Sobrava ao escravo pastor, uma triste consolação, alimentava-se da carne das ovelhas que salgava para o patrão bebia do leite fresco e comia dos queijos que em uma gruta eram feitos e curados, até que lhes viesse colher o patrão.

Passados os anos então, descobriu o escravo, abrigando-se da tempestade, em uma grotta de pedra, outra gruta então.

Naqueles dias, de muita chuva, foi baixa a produção e pouco queijo produzira, muitas ovelhas perdera e, eis que lhes visita o patrão.

Cinquenta chibatadas ganharam, junto com uma ameaça: - Se voltasse a acontecer perder ovelhas e diminuir a produção, ao invés de libertado, como de costume, depois de 15 anos como escravo, seria decapitado.

Desolado, tomou ele uma resolução faria na grotta uma cerca e um pouco dos animais lá manteria.

O queijo rústico das cabras e ovelhas, conservado, como antigamente, perdurava por muito tempo, oferecendo, depois de ralado seu sabor e cheiro encantados que temperava sopas e o pão.

Uma parte da nata, reservada foi destinada a fazer um queijo que guardava na loca de pedra, até amadurecer.



E quando as caravanas passavam, uma ideia lhe ocorreu, uma parte dos queijos para eles vendeu.

Ora as cabras apartadas, em cercado confinadas, excitadas procriaram e, o rebanho cresceu.

E, como sempre fazia, antes do inverno o patrão apareceu trazendo mais sal para o queijo e levando embora o seu.

Contando ele o rebanho, o tamanho percebeu e lembrando ao escravo que depois do inverno passado, estaria liberado, mas, que tivesse cuidado para não perder animais, para, ao invés de liberado, ser decapitado.

E junto com outros criados uma contagem procedeu, 101 animais contados que deveriam ser entregados, quando o coitado escravo fosse liberado.

No inverno apertado, o rebanho dilacerado, alguns animais perderam, porém, repôs o contado, com alguns animais do cercado, que um dia escondeu.

E com o inverno terminado apresentou-se outro escravo que a ele sucedeu e, mandado embora foi o coitado, como veio ao mundo que Deus lhe deu sem nenhum obrigado ou reconhecimento de seu trabalho deixaram-lhe somente o velho cajado seus andrajos e odres e lá se foi embora em busca de outras pragas e, num momento de lucidez, ofereceu-lhe o patrão, um cargo de criado, assentado e pago.



Agradecido o liberado a esmola não aceitou e disse que iria voltar para onde a guerra um dia em escravo o transformou.

Foi-se o patrão embora e o escravo com o ex escravo ficou aprendeu os verdes pastados, mas, da grotta o liberto não falou.

Enchido seus odres com água, na canastra enfiou, pedaços de carneiro salgado e um queijo mofado e para a estrada rumou.

Após certificar-se que o escravo ficara postado com os animais tomou ele rumo diverso e a loca procurou. Lá pegou o tesouro que tinha amealhado e as cabras que tinha criado. Em jiraus amarrados aos animais por ele acostumados, os queijos restantes, colocou, junto com alguns animais salgados, que o inverno preservou.

E tomando sua estrada, muito tempo ele andou até chegar à terra que um dia habitou.

Lá estava a casinha, até a mulher encontrou, viúva de outro marido, que a vida lhe reservou.

Com o dinheiro juntado mandou consertar o telhado e a casinha reformou, fazendo um cercado caprichado, onde suas cabras encerrou.

Tempo muito passado seu mundinho prosperou e, com todo o cuidado seu rebanho muito que aumentou. Ao invés de todo o leite ser usado para o queijo deixava um pouco para os cabritos e ovelhas que cresceram de sobejo.



Eis que um dia, já instalado em uma bela mansão, comerciante renomado, vendia cabras, ovelhas, queijos e até criava, gado e leitão.

E passa uma caravana, de tristes retirantes buscando terras férteis para recomeçar a vida, em qualquer lugar.

Roto e alquebrado para surpresa dos dois era o antigo patrão que a caravana comandava depois de sua propriedade ter sido dizimada.

E perguntando o patrão daquele progresso, qual seria a razão respondeu-lhe o ex escravo:

- Da nata do leite que eu surrupiava, daquela que sobrava e fora tinha que ser jogada a seu mando.

Dela queijos fazia, já que a nata fora tinha sido jogada então vendi os queijos e melhorei minha vida.

No que podes me ajudar, perguntou o ex patrão.

Apeiem-se esta noite façam aqui sua pousada como carneiro, carne de vaca e leitão, bebam leite e mel descansem e amanhã se vão.

E banquetearam-se como em tempos atrás lembrando a prosperidade e saudando a generosidade do anfitrião.

E ao raiar do dia, já se montando a caravana, foi presenteada com carne, queijo e leite.

Na hora da partida anunciada eis que o anfitrião chama o ex patrão:

- Vais partir e um pouco de alimento te dei então, mais um presente quero te dar o maior que recebi de ti não tomes



NÃO CONTES A NINGUÉM

Contos e Ensaios

como lição e sim, como devolução, dou-te meu antigo cajado e os odres cheio de água, mais este queijo mofado que foi todo o legado que me havias deixado, depois da escravidão. Siga seu caminho, então! Mas não te esqueças, a nata sobrada do leite, não deve ser deitada fora não!



13- A Legião

Depois de deposto, o alcaide Roldão decidiu que, por força, haveria de tomar a cidadela. Sua deposição se dera por força das decisões de um dos prebostes da corte maior, manifestadamente contrário à sua atuação.

Ocorre que Roldão, em sua sanha prepotente, à revelia das leis, fizera por mandar decorar uma quinta que, segundo ele, nunca teria sido dele, embora muitos isto afirmaram. Esquecera-se ele do lago onde mandara depositar gêmeos barcos um com seu nome e outro de sua amada. Ela mesmo ordenara, acertos aqui e acolá e também fizera decorar, à beira do mar magnífica mansão, em tríplice espaço sobreposto onde, um dia quisera morar.

Eis que descoberto foi Roldão a prevaricar: De onde vieram tantos ouros para tal despesa pagar?

E outros fatos vieram, a maçada a corroborar, não é que até mausoléu Roldão quis instalar?

E passados os anos, o ilícito descoberto, passaram seus rábulas a tramar, um conluio com a corte, para Roldão novamente ao poder voltar.

E tantas foram as clamas, arregas, arengas e petições, todas elas em vão então, lembram-se em meio a seus serões, que alguém na corte, a ele devia um favorzão.

E matutaram por anos, foi até preso Roldão, culpa foi formada, mas nela não acreditava, que participava, de sua Legião.



Por fim, descobriram uma brecha, na proferida decisão. Colocaram no preboste uma pecha, dizendo ser ele, o ladrão.

E conseguiram na corte dele, uma avaliação, procurando impedimento, para sua atuação.

Não contentes cobraram do juiz mais antigo, a paga do tal “favorzão”

Era ele Phalsino, o juiz mais temido da corte, por proferir decisão que soltasse de vez corja toda, e não tão somente um ladrão. Entre lagostas e caros vinhos, inebriado pelo poder, decidia o poltrão e mandava o bedel escrever. Que fosse farta de palavras sua complicada decisão, que dela só entendessem o mais alto escalão e que não fosse para a plebe, entender nada não.

E assinado o fato, em tumultuada decisão, liberou do crime o ignóbil, declarando livre Roldão.

E mandado foram os escribas a tomar do alcaide sua opinião e ele fingindo humildade, deu sua proclamação, liberdade que venha até tarde, mas que a minha seja em primeira mão, não importa que soltem laráprio, vigarista ou ladrão só o que me importa, é voltar pra Legião.

Espantados os escribas quiseram, saber de primeira mão, que Legião era aquela, de tamanha apreciação.

E baixinho o Alcaide proibindo a divulgação, falou a boca miúda de sua admiração.

De sábios não entendo, nem faço questão, mas com tantos idiotas me bajulando, é muito fácil construir uma Legião!



14 - Contágio

Tronksyw já contava com quatro revoluções de vida. Nascera da junção das cadeias genética de Astrcsd, sua mãe e de seu pai Nercus.

Os Qwuvirtz, como se denominavam, contavam seu tempo medindo as revoluções do seu planeta Qwovir em torno da galáxia Thimorl. Quatro revoluções já eram um bom pedaço de vida, normalmente, antes de depositarem seu código genético, os Qwuvirtz passavam por não muito mais do que 10 revoluções.

Quando nasciam, da junção assexuada dos genes, eram fracos e, somente após 5 revoluções, tinham todas as suas funções físicas completadas, mas as complexas sinapses, não, já nasciam funcionando, com pleno conhecimento adquirido inclusive as habilidades mentais de pai e mãe, por completo.

Tronksyw ordenou ao robô que, mais uma vez, olhasse para seu experimento e dissesse o que via já que sua visão, só a partir da quinta revolução finalmente funcionaria.

O robô relatou mais uma mutação, na colônia que Tronksyw experimentava seus estudos de outras espécies. Outra vez estavam em plena convulsão, algo os infectava, mas não sabia o que se passava e solicitava nova análise química.

Tronksyw resolveu consultar Wisg, seu mentor, sobre mais esta mutação, antes não estudada.



Os estudos mostravam na colônia grandes alterações primeiro, se multiplicara, em números exponenciais. Rasparam a camada de outras espécies fixas e se locomoveram por toda a esfera do experimento, queimaram, apararam e, novamente, outras espécies criaram, para sua alimentação e não eram somente as estáticas, outras móveis também.

Além do fogo que eventualmente utilizavam havia outras explosões que grandes áreas devastavam e que delas nada aproveitavam.

Tentara-se estabelecer se a cor os fazia combater, mas, logo depois do combate, os mesmo que belingeravam, ligavam-se entre si contra outros, de outras regiões, sem que as cores ou tipos fossem problema.

O experimento, depois da primeira revolução, mostrava a ocupação de quase todas as regiões, exceção às mais frias onde pouco havia para sua alimentação.

Tronksyw observara serem as espécies verdes maioria da alimentação dos micros seres e de outros de sua cadeia de alimentação.

A maior dificuldade foi estabelecer a correlação do espaço tempo entre a colônia e as revoluções locais pois, mesmo marcados insistentemente, os organismos desapareciam quase que instantaneamente, em torno de 75 revoluções em torno de sua bola de gás fulgurante. Desde o começo da experiência, poucas coisas duravam mais do que meia revolução planeta Qwovir.



Chegou-se à conclusão de que os Qwuvirtz duravam ciclos tão grandes quanto a existência do experimento desde que a centelha inicial o tinha posto em andamento.

O mentor então, propôs um novo desafio nas pesquisas argumentando que a colônia tinha uma potencial capacidade de procriação e expansão, além da altíssima capacidade de autodestruição tendo conseguido, inclusive, a proeza de locomover-se, primeiro a sua proto-lua estéril, depois para longínquos lugares em experimentos de prospecção então propôs um desafio interno, uma nova pandemia, criada em laboratório, nano robôs com capacidade de mutação, geneticamente criados. E fez-se a pandemia!



15 – A PROSTITUTA

O bar estava cheio, os frequentadores, quase defumados, o cheiro do haxixe, do suor e do álcool misturava-se à gordura das frituras e impregnava cabelos, roupas e a pele exposta.

As “ofertas” desfilavam nas bandejas penduradas aos ombros das criaturas seminuas, a guisa de antigas ofertas de cigarros e doces nos átrios de cinemas e teatros.

De tudo um pouco, dizia a andrógina criatura: haxixe, lsd, maconha, cocaína e, até balas de hortelã.

O mercado de carne efervescia e as criaturas se ofereciam, para os prazeres sexuais. Homens, mulheres, andróginos, até acompanhados de animais, em plena salada sexual

No fim do corredor, após singelas cervejas, os dois amigos se dirigiram à sauna, com direito à privacidade. Não que fossem em busca de sexo mútuo, mas, de tranquilidade. Lá, os sons do bar-boate-zona ficavam inaudíveis.

A zeladora do ambiente entrou, retirou o balde com ervas e colocou novo balde, aspergindo a água perfumada pelo louro e eucalipto em grande quantidade.

O cheiro forte os trouxe à sanidade, depois do turbilhão de chopes e cervejas, o calor e o suor que rescendiam a álcool e ao bodum comum da sauna foram amenizando e a lucidez voltando, junto com a sonolência.



-Onde estávamos nós, em nossa discussão, Senhor Primeiro Juiz? Falávamos de que mesmo?

-Falávamos das leis, da aplicabilidade delas e delas, a prostituição...

-Meu amigo, as leis, são as leis, temos que aplica-las, somos juízes e, nos restam, em suas falhas, fazer nossa intervenção.

-Intervenção que pode ter parcialidade....

-Com certeza, pode, há e haverá sempre parcialidade, ora ou outra sim, haverá.

-E o que faremos para muda-las, para não serem falhas.

- Trocar a puta!

Em meio à discussão, adentram à sauna duas prostitutas, ladeadas pelo rufião da casa... – Oferta grátis para os doutores...

As mulheres, seminuas exibiam seus sorrisos, entendendo que aqueles eram clientes VIP e que a casa bem as recompensaria se a eles agradassem, olhando especialmente para o decano Primeiro Juiz

O primeiro juiz fez uma breve análise da “oferta” e perguntou ao colega: - Gostou?

Tendo ele respondido sim, ele dirigiu-se às prostitutas e solicitou que saíssem, que mandassem coisa mais exótica.

Logo apareceu o rufião, quase apavorado falando: - Doutores, o que deu errado?



-Nada disse o primeiro, mande-nos coisa mais exótica, tres, variadas.

Em cinco minutos bateram à porta e entram tres “funcionários, ou funcionárias, como julguem melhor.

Os três em sorrisos plenos, o negro grande e musculoso, a loura peituda e o andrógino de cabelos descorados.

-Veja bem Segundo Juiz, eis o que prostitui as leis...

-Eles? Perguntou segundo, muito espantado...

Sem dar a resposta definitiva perguntou primeiro:

-Vocês votam onde?

As três respostas foram bem diferentes cada qual votando em sua gente, em seus anseios e desejos.

-Podem ir e, avisem ao rufião que não nos incomode.

Passado um tempo, os efeitos do álcool diminuído pela sudorese intensa e pelo respirar mais arfante do ar confinado e quente da sauna, tomaram um banho, vestiram-se e saíram do antro.

O veículo os esperava e, ao finalizar sua noite, dirigiram-se a um desejado restaurante, não aqueles de fausto lagostas e vinhos caros, que deglutiam na corte, mas a um mais intimista onde a comida era saborosa e popular.

A mesa, bem ao fundo, junto ao ar condicionado, já estava reservada.



A escolha foi por comida simples, carne de porco cozida em sua própria banha, uma dose de aguardente de entrada, farofa de ovo e uma frugal salada.

A garrafa de água gelada encimou a mesa, muito bem vinda, depois da noitada.

A sobremesa, duplamente montada, com queijo, goiabada e café preto, para finalização.

Já refeitos e satisfeitos volta o Segundo Juiz à inquisição:

- Ainda não consegui entender sua colocação; porque os prostitutas da boate são os culpados das leis que julgamos

-Caro amigo, eles não, todo o povo, o povo sim, são prostitutas, puta de si mesmo, auto seviciador, autotorturador e auto-inquisitor, auto canalha.

-Não fazemos as leis, apenas as regulamos e nas falhas, a nosso bel prazer, quem as faz, é o legislativo, ele que determina os destinos da lei e as faz ruins ou falhas, nós, não.

-Mas.... Perguntou segundo e o povo o que tem a haver com a prostituição?

- São eles os putos prostitutas de si que elegem os incompetentes que fazem as leis, eles escolhem crápulas, os reelegem, os defendem com unhas e dentes e se insurgem até quando eles são julgados e condenados... pelas mesmas leis que eles deixaram seu representante aprovar.

-Lembra-se das duas putas que primeiro adentraram à sauna... tinham olhares para mim, e não para você que é



mais jovem e mais belo e, se não sabes porque, é porque estaria logo saciado sem dar muito trabalho e, por meus cabelos brancos deveria ter mais dinheiro do que você.

- Pois bem, finalizando, e respondendo de todo a sua pergunta, a população escolhe o que, para cada um é melhor, o coletivo fica esquecido e esfacelado olham, como as putas o que mais lhes interessa, sem pensar consequências e aí, como nós as dispensamos, os “fazedores de lei” as dispensam, sem maiores formalidades, solicitando e promovendo sua substituição. No próximo pleito, esquecerão e, nos mesmos votarão.

-Meu caro amigo, como vês, o voto da população, é a prostituta da nação!



16 – Os Escritos do Rei

No exílio, El Rei tinha, ainda, um pouco poder, poder sem recursos, sem poder sustentar o séquito de mucamas, escravas, concubinas e proxenetas (a mais explícita essência da corte).

Consumia o desvario das festas e do fausto os recursos da pobreza e da realeza obrigada ao além mar, descontentes, ambos a bradar e eis que, para suprir tal gritaria, vê-se obrigado a.. prevaricar... como prevaricam os nobres falidos, quando nada mais podem tomar. Inventou ele um artifício que alguns pudessem sustentar.

Como era constituída a corte? Rei, Rainha, Príncipes, Princesas, Viscondes, Condes, Barões... então, num rasgo de genial invenção, canalhamente real, resolveu ele distribuir cartas de.... REALEZA.

E, no livro de tombos fez lá constar que, reais seriam os súditos, que os títulos pudessem ... comprar.

Inventados foram também, capitães e coronéis, pequenos fazendeiros que, com menos dinheiro, eram “condecorados.

E investidos de seus títulos fez-se a ralé parca que nem de longe à corte pertencia, a não ser, por profunda heresia, até do Padre ouvir seus títulos, se Bispo então, quase que o beija mão invertido.



E esse turbilhão de mandões, egoístas refinados pelo país foram espalhados a procriar seus rebentos a quem os títulos não transmitia, pois eram eles enucados que só para o pagador valia.

E a politicagem agradecida pela ajuda recebida, o nome deles a ruas dava, e a pontes, praças e becos e assim apelidado por onde se ia, passava-se pela Rua Barão, Praça Visconde, Beco Coronel, que a eles homenageada, mas, de muitos, nem sequer havia em escritos seus feitos, deles ninguém lembrara, pobres sujeitos

E assim se fez a nação não como dizia Camões, com as armas e Barões assinalados, mas, com os títulos comprados e, mantida a tradição, desta feita em contramão, os eleitos continuam comprados tal e qual os títulos por Del Rei “doados” a tal pratica dá-se, o nome de mensalão inventado por outro Rei, bem mais poltrão.



17- Improbidade

Corria o ano I D.C. e a corte maior se preparava para sua decisão máxima: execrar um preboste, tido e havido, por decisão de um de seus membros, como improbo.

Chamado fora Don Jack para defender o preboste.

-O que me dizeis? Don Jacke, o que está nas masmorras? Sim este mesmo, que os senhores do Feudo da Arvore que Chora Sangue, fizeram de réu... conto toda a história, ouçame:

O Ano I, Depois da Covid, traçou incertezas e o obituário da corte elencou-se com inúmeras decisões tidas e havidas como... obtusas, como seria de esperar de tão mesclado plantel que contava com indicados, entre eles até quem nunca havia nada julgado, mas.... São ranços da Corte da Arvore Que Chora Sangue.

Os fatos ainda estão sob custódia da Corte, que insiste em seu sigilo fiscal sobretudo, depois que Don Jefe os colocou frente a suas verdades, mas, temos, à revelia do tal sigilo, depoentes informais que nos relataram a trama da corte então, sem delongas, vamos aos tais fatos.

Nos cânones e alfarrábios legais constam, no livro dos tombos das leis marciais, a carta régia, que em todas as leis manda e lá, tombado está, a decretação de prisão somente em casos de crimes capitais (e quais não o são?) Após uma terceira avaliação, pressuposto de que falhem dois



juízos e aí, e só então, o paciente seja mantido em prisão.

Consta que um larápio consumado, execrado pela população, foi mantido em cárcere havido como “privado” longe de sua jurisdição, outra aberração pois se o criminoso reside na nação e a carta régia é para todos porque a tal prevaricação, ou é criminoso, ou não é não, não importa que seja julgado aqui ou acolá, mas, sob a concupiscência dos obtusos, o rei deposto fora mantido em prisão, sem a derradeira condenação.

Ante o fato consumado, foi feita, depois de muita apelação, uma reunião e decidiu a corte que o tal rei deposto, não deveria ficar preso não isto posto dado e passado depois de um longo serão de mais de oitocentos dias de prisão.

E eis que a corte, em auto expiação decidi que até o julgamento... não valia nada não, dado ao fato que o larápio condenado estava fora de sua jurisdição.

Decidida foi então, por um dos obtusos, a descondenação e a volta do processo para outra mão, um preboste de terceira divisão onde tudo começa, e não acaba não.

Como se tal expiação não fosse a derradeira, decidi a corte inteira basear-se em suspeição e condenar um preboste de segunda divisão alegando dele, baseado em “ouvir dizer”, sua suspeição.

Para nossa ilustração, consta que para se obter condenação, não basta o crime, que fica relevado, ante a acusação visto que as provas obtidas, sem a devida precaução, não são



provas validas não. Mesmo tendo o bandido roubado, surrupiado e mentido, só em prisão será mantido, se uma corte autorizar.

E eis que um laçao sorrateiro, tendo tudo escutado, entre o preboste e o acusador, escreveu em papel grafado o que foi falado, ainda que surrupiado entregando tal legado, nas mãos de um inquisidor.

Esta santa inquisição promovida contra o preboste eis que de fato torpe, obtido sem juiz consorte, fosse à corte levado e para ser julgado mesmo à revelia do papel passado na carta régia descrito como aviltado, pura perseguição.

Consta que, em defesa do preboste, Don Jack em sua má sorte, a corte resolveu desafiar e, expondo suas mazelas deles escutou o vociferar.

E, por ter verdades dito, sobre a corte e seus poltrões, foi a ele dita que eram... ilações e, entre lagostas e vinhos aos borbotões, decidiram os rábulas por outra condenação.

Dizem, a boca miúda, os que sabem da prisão que até papel e caneta, Don Jack não pode usar não, dele tem medo a corte e de que venha em primeira mão a público, o açoite e sua justa condenação, já provada e castrada, pelo silencio da submissão, o registro de sua provada prevaricação.



18- O Nome

Ao voltar para a sua Terra Natal, depois de muito tempo trabalhando fora, John resolveu abrir um restaurante. Ante uma quantidade grande de restaurantes especializados, sabia que, sem a fama de cheff, não sobreviveria. Os tempos de cozinha na América como ajudante, auxiliar de cozinha, cozinheiro e depois chefe de pequenos restaurantes deu-lhe experiência e bom senso, não adiantaria tentar uma competição específica, teria que trabalhar em algo mais eclético que comportasse comida de custo médio e variada.

Logo começou a buscar o imóvel para instalar-se. Descobriu uma casa de dois andares, com um bom quintal ao fundo, o que daria uma horta de temperos interessante se, no inverno, fosse coberta.

O arquiteto que lhe apresentaram propôs um restaurante intimista, com mesas bem separadas e iluminação exclusiva para cada mesa, ficando o resto do restaurante, na penumbra. A ideia não lhe agradou, queria algo mais “caliente” claro e, sobretudo, barulhento, como nos pequenos bares italianos onde se falava alto e se comia com mesa de partos fartos. A solução apareceu quando menos esperava, uma decoradora africana ofereceu seus serviços e logo a casa começava a ser montada, com cores vibrantes, folhagens e móveis rústicos, um ambiente alegre e convidativo.



Feito o cardápio surpreendeu-se, pois, os pratos lhe pareceram como todos que fazia na América, mas, não de pronto o implantou, tinha que contratar auxiliares e cozinheiros e fez com que a notícia de contratação chegasse à comunidade, composta de muitos imigrantes.

Uma cozinheira turca, um italiano, uma brasileira e um colombiano. Um quarteto mais do que diversificado, cada qual com sua técnica.

Percebendo a dificuldade em construir o cardápio foram os cozinheiros dando sua opinião, a turca sugeriu quibes turcos de fina casca e muita carne temperada para entrada, acompanhado de chá fresco de romã e como prato principal Köfte de carneiro com arroz e salada para as terças feiras e, de sobremesa künefe de finos fios recheados com queijo e calda e para finalizar, o melhor café do mundo, um bom café turco.

O italiano propôs para as quartas feiras, entradas de zucchini soto olio anche peperoncini, pane e grappavino, zucchini marinada em azeite de oliva com pimenta vermelha, pão grappa, como entradas e como prato principal papardele al basilico anche pomodorino in calda, macarrão borboleta com manjeriço e tomatinhos em seu suco e para sobremesa tiramissú, finalizando com o melhor café do mundo, um expresso italiano

A brasileira propôs, para as sextas feiras entrada de camarões fritos acompanhados de uma boa cachaça brasileira, como prato principal uma moqueca capixaba, pirão, arroz branco e pirão de banana da terra e como



sobremesa um delicioso quindim finalizando com o melhor café do mundo, um café brasileiro passado na mesa em coador de pano.

O colombiano fez sua sugestão, entradas de arepas acompanhadas da bebida típica lulada, para prato principal Frijoles Rancheros acompanhados de aguardente, como sobremesa Merengon acompanhado de suco de frutas e para finaliza o melhor café do mundo, um café colombiano.

Como não poderia deixar de ser, o bate-boca surgiu sobre qual seria o melhor café do mundo e depois de boa meia hora John entrevistou:

-Senhoras e Senhores, gostei das receitas, mas não gostei da briga e, portanto, iremos fazer com que “os melhores cafés do mundo” sejam provados semanalmente, por todos vocês, funcionaremos de terça a sexta inicialmente, com o cardápio sugerido por vocês então cada qual será o chefe e os outros auxiliares assim, teremos “os melhores pratos do mundo” também.

Ao que parece todos gostaram e John embutiu no preço do menu, o café de cada país que era ofertado ao final da refeição como grátis.

Quietos todos John perguntou se havia alguma objeção e, em não havendo, despediu-se para ir elaborar o cardápio quando a brasileira lhe perguntou – John, e qual será o nome do restaurante?

-O experiente chefe, acostumado aos embates de longos anos de vaidades na cozinha olhou detalhadamente para



cada um dos cozinheiros e lentamente, já virando para sair disse-lhes

“All its coffee! “

Dizem que o restaurante ainda funciona muito bem, como renomada cafeteria.



19 – Divisores

Karistina, acabara de perder seu terceiro marido, as tribos não se entendiam e, de tempos em tempos, guerreavam entre si e, ao fim dos combates, sempre acontecia a mesma coisa, as mulheres eram escolhidas pelos vencedores, como troféus de batalha, não para prostitutas, mas, como mandava a lei, como esposas.

O zaeim alqabila, líder da tribo, tinha o direito a primeira escolha e os homens procuravam sempre mulheres mais jovens que lhes dessem filhos, preferencialmente homens para serem futuros guerreiro.

As leis não limitavam o número de esposas e a única exigência, era que o marido as pudesse sustenta, assim era a lei.

Os vencedores apalpavam as mulheres antes da escolha, tentando descobrir seus dotes físicos e também, quanto ouro tinha pendurado no pescoço. O costume era este, as mulheres, para se protegerem, guardavam suas joias junto ao corpo para momentos de crise, para sustentar a prole caso um infortúnio viesse a acontecer.

Karistina foi sendo deixada de lado, seus trinta e cinco anos a faziam velha junto às meninas mais novas e seu pescoço apalpado revelava pouco volume, poucas joias.



Atento Aziz, o jovem filho do zaeim alqabila a tudo observava e seu pai o inquiriu: - Não escolheste ainda, nada de bom sobrar para você.

O filho respondeu – Aquela mulher de olhos negros com tres filhas de olhos coloridos, ela me interessa!

Aziz! Respondeu o pai, ela é velha para tí e, segundo falaram, tem pouco ouro no pescoço!!! Não seja bobo!

Passados alguns minutos ele se aproximou da mulher, os olhos eram de negro profundo contrastando muito com as meninas o que lhe chamou atenção.

-Quantos maridos tivestes mulher? -Tres, Senhor, tres bons fiéis que Alá levou para o Firdaws (lugar mais alto dos céus)

- Chame aqui suas crianças.

Karistina tremeu, tudo o que não queria era um marido que molestasse suas princesas.

Como se chamam as meninas?

-Thamires a mais velha, Iasmin a do meio e Leila a caçula.

-Venham cá, chamou o homem.

As meninas, medrosamente se aproximaram e ele lhes fez um carinho no rosto, apalpando seus pescoços...

_ Hum, observou ele, você é esperta mulher, como se chama?

- Karistina, Senhor.

-Pois bem Karistina, tenho o direito de casar contigo, mas, não quero me casar por direito e sim se desejares, tenho



somente uma mulher que não pode ter filhos e suas crianças alegrarão meu Riad (palacete), serão tratadas como minhas filhas, sem que ninguém delas tire proveito.

-Karistina olhou para as meninas que atrás de seus lenços escondiam seu sorriso enfim, Alá fora bondoso com elas.

-Senhor, porque me escolheste ao invés das mais jovens?

-Não te escolhi, você quem me escolheu, enquanto os outros te apalpavam ficavas quieta, imóvel, ao passo que as outras mulheres demonstravam o melhor de seus corpos por baixo dos vestidos. Quando comecei a te olhar, ficaste a brincar com as joias no pescoço das meninas fazendo-me ver os tesouros que tinhas, me escolheste e eu gostei de sua esperteza em defender as crianças e seu tesouro.

-Quando seu pai morreu Aziz não mais quis ir para a guerra, com a concordância de Samira, sua primeira esposa e de Karistina, tomou parte das joias e se tornou um próspero comerciante, possuidor de muitos camelos.

Karistina deu-lhe um filho de olhos negros e, por bênçãos de Alá Samira também lhe deu um.

Aziz não desposou mais outras mulheres, ao contrário de todos que mantinham as mulheres separadas, Aziz dormia acompanhado das duas, para espanto de todos que vinham a saber da amizade que as duas tinham.

Como as tres meninas não eram suas filhas, quando se acharam em idade de casar, Aziz arranjou os pretendentes que passaram a morar em suas terras.



NÃO CONTES A NINGUÉM

Contos e Ensaios

Já mais velho e cansado perguntaram-lhe como obtivera tanto sucesso.

-Dividindo, dividindo as joias meu amigo, dividindo as joias não brilha nos olhos dos ladrões a cobiça nem tampouco se turva a visão dos invejosos.



20- Confissões

Os cabelos brancos raleavam na cabeça do bibliotecário, passados os anos, além da biblioteca, na qual tinha passado toda a sua vida, havia assumido outras funções.

Primeiro passou a escrever pequenos poemas, que se acumularam ao longo dos anos dando origem a alguns livros e depois aventurou-se em romances e contos por fim, cansado de escrever dedicou-se a publicação dos livros.

Esta última arte o envolveu, o seu mundo, antes povoado de suas ideias e das ideias escritas nos livros ganhara uma nova luz e muitas alegrias: agora podia conversar sobre a criação, sobre os textos, dissertar sobre técnicas, aprender sobre outras e, melhor que tudo, conviver com as criaturas que como ele , criavam criaturas.

Embora frequentasse diariamente a biblioteca onde dizia eu “aqui expiro meus pecados e ganho a benção dos livros”, dedicava-se às longas conversas com os autores que tutorava... sim, era a palavra correta, ao invés de somente livreiro, havia se tornado um conselheiro.

Sem dissimulações e sem enganos, confiava aos que lhes procuravam, os segredos da escrita, suas artimanhas e necessidades práticas, muitas vezes, esquecida por quem, na inspiração de um romance, ou nos embalares de um poema, esquecia as concordâncias, a gramática e a diagramação.



Os autores, de todos os quadrantes lhe procuravam ou por discutir os destinos de uma obra ou para dele tirar alguma inspiração.

Poucos se atreviam a não seguir seus conselhos pois quase infalível, ele dizia se um livro teria ou não sucesso.

Nunca fazia críticas absurdas, sempre embalava sua fala mansa, cadenciadamente, quase cantando, falando das qualidades dos escritos e, somente depois, dizia de seus defeitos nunca incentivando o escritor a não publicar e sim a melhorar sua obra.

Cuidava ele com especial carinho dos poetas e de suas rimas. A poesia não se traduzia em uma ideia completa, em um conto, uma história de amor romanceada, ficção científica elaborada, a poesia, segundo ele, era um retrato imperfeito da alma de quem a escrevia, por melhor que fosse, refletia tão somente um pouco daquilo que sentia o poeta o todo enredava-se nas entrelinhas onde os amores ficavam escondidos.

Tinha recebido um e-mail de um poeta que solicitava estar com ele em uma reunião. Estas solicitações eram comuns, mas, nem todas ele conseguia atender, o grande número de escritores a assessorar já estava bem maior do que podia fazê-lo com perfeição assim, declinava novos clientes.



O e-mail se repetiu por várias vezes e, desacostumado a tal insistência, resolveu ele atender ao poeta marcando encontro para a hora do almoço.

Combinados, horário e local, sentou-se ele à mesa do restaurante esperando o poeta. Passados alguns minutos da hora marcada, resolveu ele pedir seu almoço.

Quando o prato chegou, junto a ele um envelope curioso, ele abriu o envelope e lá estava o rascunho de um livro de poesias. Na primeira que leu, ficou encantado e, entre uma garfada e outra, foi ele se deliciando com os poemas.

O prato esfriava e ele não prestava atenção até que o velho garçom se aproximou e perguntou:

- O prato estava de acordo senhor?

-Sim, sim estava bom.

-Bem, observou o garçom, é que o Senhor não comeu quase nada!

-Meu amigo estes poemas são maravilhosos, estou ansioso por conhecer quem os escreveu.

- Pelo visto Senhor, sou melhor poeta do que cozinheiro pois a comida e os poemas, fui eu quem fiz.

Surpreso o bibliotecário convidou-o para uma reunião mais demorada, em um local onde pudessem conversar tranquilamente.

Ao encontraram-se, já na biblioteca, o pedido de desculpas pela postergação foi inevitável.



O velho garçom-poeta agradeceu e disse que aquela era seu primeiro e último livro e que só o estava escrevendo para expiação de seus pecados....

O bibliotecário ficou ainda mais curioso....

– Normalmente sou eu quem fala esta frase....

- Desculpe Senhor é que levei uma vida boa, muitos amores, dinheiro, paixão pela cozinha até que me casei e, há pouco tempo, minha mulher foi-se então, resolvi escrever o livro, quem sabe meu pecado seja perdoado.

- Que pecado tão grande este Senhor que lhe persegue a vida inteira?

- . Não fiques espantado, o pecado que considero maior, é o da inveja e, quando ainda pequeno, tive uma inveja doentia.

-Em minha casa moravam pessoas da família que vinham estudar, prima, tia, assim como eu fui morar na casa de uma tia, almoçava na casa de outra, mas, era da prima que tinha inveja. A jovem era um sorriso só, linda, radiante e querida por todos e a instalaram em um pequeno quarto onde, escondido de todos, á noite eu ia lá ler histórias, poemas e outros livros, sem que ninguém me perturbasse. A portas fechadas, mesmo com o calor imenso de minha terra, em silêncio, devorava páginas e páginas, até que o sono chegasse.

Passei a vida toda sem cometer, a meu modo de ver, nenhum pecado além daqueles do amor, que quase todos



cometem, mas, o da inveja, não me saia da cabeça então, para me livrar desta culpa, escrevi minhas poesias.

Pois bem, ao contrário de que todos pensavam, eu não tinha paixão pela prima, tinha inveja, inveja de poder estar junto com os livros quando ela ocupou o pequeno quarto.

Minha musa, a leitura, me fez, com o tempo, dominar as palavras e subjugar as emoções nos versos, por isso, o título do Livro:

Prima Inveja Verdadeira.



21 – SOLUCIONÁTICA

Um reinado em tempos modernos, como deve ser difícil ser.... REI. Não riam, ser Rei não é tão fácil quanto parece: os desafetos familiares que antecederam o reinado estão impressos no DNA principalmente, quando os desafetos são familiares e amigos e, como não há como agradar a todos... as contendidas, a inveja e os mal-entendidos sempre afloram, não há como evita-los assim como acontecem segundo dizem “nas melhores famílias que se odeiam em... família”.

O Rei, ainda jovem, conseguiu modificar seu país. A herança recebida, foi multiplicada, a modernidade chegou rápido e as dúvidas quanto a capacidade do novo Rei, foram, parcialmente, minimizadas.

O Rei não estava satisfeito (Alguém já conheceu um Rei satisfeito? Duvido! Então, fez correr um dos “proclamas modernos”; uma pesquisa, publicada, habilmente, em um jornal, não muito favorável ao reinado, encomendada de terras distantes, para que não tivessem reveladas suas origens.

A enquete ampla foi projetada para dar uma resposta às dúvidas do Rei e, também, replicada em redes sociais, blogs e outras formas de publicação, e-mail marketing, WhatsApp e até nos populares “torpedos” sms.

Ao fim de tres longos meses, foi convidado um analista de pesquisas, para decifrar os resultados.



O Rei ficou absurdamente inquieto; não era um desconhecedor do poder da mídia e tampouco era abduzido por crenças, Berkeley lhe fizera bem, estudar em uma universidade, fora de seu país, lhe deu possibilidades de visão macro estendida, mas, ficou inquieto por saber o que pensavam seus súditos.

Consultados seus conselheiros, não davam soluções e, então, resolveu aprofundar suas especulações consultando outras pessoas, cónsules, diplomatas, estadistas, não deram soluções às suas questões, embora elas embutidas em estratégias.

Lembrou-se o Rei de quem havia vivenciado diversidades e chamou ao palácio uma pessoa de sua inteira confiança, uma mulher! Lembrou ele o sigilo, ante sua nação: Consultar uma mulher??? Pois eis que aí apareceu a resposta a seus questionamentos:

- Monsieur Le Roi, falou a mulher....

- Fale-me em árabe, não em francês, as opções europeias não me foram boas talvez, uma árabe possa me ajudar.

A mulher prosseguiu, em árabe: - Majestade, vivi, parte da minha vida, a seu serviço em terras distantes, onde cristãos, muçulmanos, ateus, mouros e cristões vivem em harmonia, vivi nesta terra uma experiência ímpar onde não existem soluções.

Temos um mundo de filosofias e crenças de buscarmos, sempre, soluções já, este povo, conseguiu uma forma diferente de pensar, vivem mais alegres que os nossos,



mesmo em meio de miséria, riem de si e de todos, fazem do infortúnio uma forma de vida inclusive, nas pichações modernas escrevem “favela, ou nada” um contrassenso absurdo, difícil de ser entendido, mas... conseguem ser felizes, mesmo assim.

O Rei, absorto por alguns minutos volta-se à convidada e diz:

-Qual é a mágica? Não existem fórmulas de felicidade, não existe a plenitude da alegria então, qual a razão desta alegria que me parece absurda, mesmo a tendo conhecido em outros tempos?

- Majestade, só há uma explicação: Os judeus discutem em seu Sagrado Torá uma palavra, que interpretam como “deverás, ou poderás” nós discutimos outras no Corão, mas eles têm uma interpretação muito diferente da vida:

-Não buscam soluções, buscam alternativas!



22- Le Corbeau Noir

Entrar no recinto, não era para todo mundo, a fachada, negra, a porta, negra, o letreiro negro, os funcionários negros, trajados de negros o contraponto, um Senhor baixo, calvo e negro, vestido com um terno branco, alvíssimo, por baixo uma camisa negra com bordado formado por tres barras brancas em contraponto o bordado do terno branco era preto, composto por tres barras brancas.

Tudo o mais era negro, velas, tecidos, roupas, lingerie, utensílios, tudo.

Na entrada o pequeno cartaz negro com letras em cinza dizia “Aqui encontrarás quase tudo, desde que seja negro”

O Velhinho baixinho supervisionava a loja inteira de seu escritório, um velho púlpito negro adaptado. Lá de cima, frente a um computador vigiava a movimentação dos tres andares com olhos de corvo, nada lhe escapava.

Ao contrário do que se poderia pensar, os visitantes, bem pouco deles, saia sem comprar uma ou duas peças. A seção de artigos religiosos era a preferida: velas, chales, chapéus, mantos, sapatos, meias, roupas íntimas, pós, poções, óculos e monóculos, cordas, incensários e festões, além de um sem número de outros artigos exóticos, todos negros.

A fama se espalhara lentamente, mas, com o passar do tempo, consolidara até uma grife “NOIR”.

E de longe vinham os visitantes, até dentro do City Tour da cidade estava incluída a loja negra.



O Velhinho, de sorriso triste e afável, não revelava sua idade, parece que nascera, já velho dentro da loja, mas, não era bem assim.

Quando o governo autorizou a livre prática de todas as religiões, foi que a loja surgiu, por volta de 1803, chamava-se Corbeau Noir, Corvo Preto, e era uma estalagem, bar e restaurante frequentado pelos marujos, prostitutas e meliantes que habitavam o porto.

O Dono, um alegre estalajadeiro, iluminava bem o estabelecimento, sempre de olho para que nenhum freguês saísse sem pagar a conta.

Com o passar do tempo a estalagem foi sendo ampliada, ostentando tres andares e muitos anos depois, mesmo tendo sido negramente remodelada, ainda contava com eles só que com espaços grandes de exatos 1313 metros quadrados por cada um dos 3 pisos, sua estrutura é sustentada por trinta e tres colunas e cada piso suportado por 9 grandes vigas. Cada piso recebera extas 666 placas de revestimento. Os tres elevadores tinham em seus botões números estranhos o primeiro andar 13

O segundo 33 e o terceiro 66 devidamente explicados em números ordinários para um elevador em uma plaquinha ao lado.



Ao contrário de todo o moderno prédio, os elevadores eram antigos suportando até 13 pessoas, devidamente protegidas por portas pantográficas compostas de 666 barras cada.

Voltando à criação da loja, o proprietário que sucedeu o alegre estalajadeiro não era tão alegre, tratava rispidamente os empregados e os fregueses e, era por demais avaro.

Sequer as velas deixavam perder, os tocos restantes eram derretidos para que se fizesse novas velas, economizando sempre.

Quando despediu um funcionário este com raiva, derramou a vela derretida em cima do pó de carvão, restos da lareira e o resultado foi uma vela.... Preta.

Sem se dar por achado, o avaro estalajadeiro moldou as velas tingidas de preto pelo carvão e as colocou na cozinha onde exalavam um cheiro fétido.

Uma das empregadas, nauseadas com o cheiro, novamente derreteu as velas e a elas adicionou um líquido macerado de ervas que exalava cheiro doce e delicado.

Repetindo-se a história, o patrão foi ver como andava a cozinha e, sentido o cheiro da vela perguntou:

- Quem colocou perfume na vela?

A cozinheira auxiliar apresentou-se, certa de que seria despedida, mas o estalajadeiro foi gentil e perguntou: - Que perfume colocaste na vela?



Assim nasceu a sociedade entre os dois obviamente, vantajosa para o estalajadeiro. Para que ninguém descobrisse o segredo das velas perfumadas, instalou em uma casa nos arrabaldes uma pequena fábrica de velas onde só a cozinheira e ele entravam.

O negócio prosperou e logo a estalagem acomodava uma pequena loja que foi se transformando e, depois de inúmeras reformas, transmutou-se na conhecida, “NOIR”.

Um “foca” do Jornal local que teve acesso solitário ao gravador digital de uma repórter, sua colega, que obtivera a história, gravada e sob juramento de não ser revelada.

Na gravação, segundo o foca, em um determinado momento a repórter pergunta:

- Sr. Noir então o que vemos aqui é tão somente uma mera coincidência, um acaso de uma vela que caiu em meio ao carvão? Não vejo nenhuma razão para não publicar a história, não há mistério nenhum, só uma perfeita jogada de marketing.

- Não é isto, mocinha, você não entendeu nada por não ter tido a oportunidade de olhar esta loja com o sentimento que todos que aqui entram tem, a FÈ. Eles acreditam que tudo o que é negro, é poderoso por isso, aqui vem.

Dizendo isso o velhinho foi-se transformando em uma fumaça negra, lentamente.

A repórter, uma loura de pele rosada, ceticamente disse-lhe:

- Como faz para enganar os outros, com esse truque de se transformar em fumaça?



- O velhinho respondeu: Se quiseres tomar meu lugar, aqui nesta cadeira, te ensino o truque, porém, adianto, não se trata de um truque e, pode ter consequências imprevisíveis que poderão mudar para sempre sua vida.

-Está bem, disse a repórter, duvido que não vá descobrir seus truques, muita gente já tentou me passar para trás, mas, não conseguiram, assumo os riscos.

Então o velhinho levantou-se, tomou-lhe a mão e a fez sentar-se. Pronunciando palavras incompreensíveis que ninguém conseguiu decifrar na gravação, o velhinho e a repórter foram sumindo dentro da fumaça negra, lentamente.

Dizem que a velhinha negra que hoje toma conta da loja vestida com um manto branco que cobre um vestido negro, cujo decote deixa ver tatuadas em seu seio negro tres listras brancas, é a repórter, mas, ao que parece, ninguém quis perguntar a ela como sumir na fumaça negra de cima do púlpito e aparecer misteriosamente no andar de baixo...acreditam ser uma jogada de marketing...



23- A ESTRADA REAL

A locomoção pelas terras montanhosas sempre foi penosa e dura, nos primórdios, à pé, depois a cavalo e, muito tempo depois, em carruagens.

Já tendo visitado as terras montanhosas o Rei resolveu mandar construir uma estrada por onde pudessem passar as carruagens e as carroças levando mantimentos, vestimentas e trazendo à beira mar o ouro, a prata e as gemas preciosas retiradas das fartas montanhas.

Pensava ele em traçar uma linha, tão reta quanto possível, apenas contornando os obstáculos, para dar velocidade e conforto à viagem.

Mandou contratar os melhores construtores de estradas, capitaneado por Tibúrcio, um dos mais experientes em construções de estradas nas montanhas de além mar.

Havia ele construído as melhores estradas em terrenos gelados, sujeitos a monções e deslizamentos súbitos, mas, não tinha ele ainda construído nenhuma em terras tropicais.

Quando aportou e foi visitar os arrabaldes portuários, percebeu a lama que era quase perene.

Tibúrcio tinha a favor de si, uma vantagem que a outros olhos, eram um empecilho: mancava. Sua perna direita fora parcialmente esmagada por uma viga de madeira que escorregara na neve, isto fazia dele um dependente de bons lugares para se locomover e, usando o artifício de que “Tudo que a ele facilitaria,



a outrem seria conforto” foi se esmerando em fazer estradas confortáveis.

Olhando a lama, à beira mar, imaginou-se nas montanhas e, segundo o Rei, o traçado deveria partir do mar para a montanha, facilitando a construção.

O rei destinou-lhe pousada, comida e quatro escravos para companhia de serviço, além de uma boa quantia para subsistência e diversão.

O rei pensava reto e Tibúrcio, nas curvas da vida então, pedindo licença a Sua Majestade, partiu em uma incursão às Montanhas, acompanhado de seus serviçais a quem, para espanto dos brancos, havia destinado um mosquetão e um facão, coisa que escravos, definitivamente, não portavam.

Gastou ele quase um mês a treinar os escravos, que, ao fim do treinamento, já sabiam defender-se usando as armas a eles fornecidas.

Dez burros foram comprados e todos, a exceção de um, para reserva, carregados de tralhas de medição, comida, bebida e pólvora.

A caravana partiu guiando-se pelas estrelas que cuidadosamente eram consultadas ao começo da noite e, com a rota traçada, produziam o rumo do dia.

Dois meses se passaram até Tibúrcio chegar ao seu destino final, tinha andado, ao modo de entender dos escravos em muitos círculos, ao invés de uma linha reta.



Como estafeta, mandou Tibúrcio uma carta ao Rei, que ficava a beira mar, já solicitando o contingente, ferramentas e suprimentos para começar a fazer a Estrada Real.

Quando o negro, armado adentrou a capital os soldados apontaram-lhe os mosquetes, prontos para um ataque.

-Em nome do Rei, bradou o escravo ajoelhando-se e colocando suas armas sobre o solo, venho de parte de Tibúrcio, o construtor de estradas, trazer à sua Majestade, um comunicado.

O Chefe da guarda, imbuído de seu orgulho avança, como se destemido fora protegido por muitos mosquetes e determina: -Dá-me a comunicação!

O escravo disse-lhe que as ordens de Tibúrcio eram exclusivamente para o Rei, mas, o oficial, dando um tapa no rosto do escravo, enfiou a mão em seu bernal e de lá tirou a carta selada com o brasão de Tibúrcio.

-Não podendo romper o lacre e, mesmo assim querendo tirar proveito da situação, foi o orgulhoso oficial entregar a carta em mãos reais.

O Rei ao abrir a carta sorriu e disse aos guardas: prendam este imbecil e me tragam o escravo que ele prendeu.

Ante o espanto de todos o Rei leu a carta: “Se vossa majestade está lendo esta carta, é porque algum imbecil resolveu cortar os passos de meu escravo e sua dedicação” Peço a vossa Majestade que chame o escravo e fale com ele”



Posto a presença de Sua Majestade o escravo solicitou ao Rei que de sua confiança, para não ter contato direto com ele, mandasse um emissário e o Rei refutou, podes falar, venha até aqui, desamarrem-no.

O escravo aproximou-se do rei e disse-lhe, Tibúrcio manda dizer-lhe que correrás perigo na estrada real, alguns oficiais estão tentando obter o trajeto dela.

O Rei mandou que todos se retirassem e pediu ao escravo que relatasse os fatos aos quais ouviu atentamente.

A Escolta Real, em primeira reação, mostrou-se indignada:
- Escoltar um escravo, ainda por cima armado, o Rei só poderia estar ficando doido! Mas, como as ordens reais são ordens REAIS, lá se foram para as montanhas, protegendo o escravo, por nome de Manoel.

Tibúrcio recebeu, com ares de quem não gostou, a Escolta com o Escravo Manoel e tão logo pode, chamou às falas o Escravo:

-O que fizeste? Desobedeceste a minhas ordens?

-Não, Senhor, fiz exatamente tudo o que ordenastes, escondi o traçado da Estrada Real em um sítio antes de ter ido ao Rei e assim, quando me prenderam, só tinha uma carta que um oficial tomou e levou ao Rei que o mandou prender e me levaram a sua presença onde relatei o que ordenaste e falei do traçado e de seu esconderijo, em meio à floresta, onde o Rei, em uma caçada, resgatou então, somente ele tem o correto traçado da Estrada Real.



Aliviado, Tibúrcio liberou a escolta que, depois de descansada, partiu para a capital.

Mais tarde, Tibúrcio reuniu os escravos e solicitou deles o relato dos acontecidos. Dois da escolta haviam se colocado escondidos e ouviram toda a conversa de Tibúrcio

-Ótimo disse-lhe, deixem que levem o recado aos seus comparsas.

Os meses se passaram e a estrada tomava corpo, um caminho tortuoso, mas, o mais reto possível.

O Rei resolveu fazer uma visita às obras e às Minas e, tomando os caminhos já percorridos verificou que a Estrada Real estava sendo construída em duas frentes, uma partindo do litoral e outra das montanhas.

O rei reuniu-se com Tibúrcio, em meio a floresta, para um almoço servido de caças e de vinho, mas, dispensou a todos ficando somente os dois, em meio a uma clareira da floresta.

-Então Tibúrcio, como estão as obras?

-Caminhando conforme o previsto Majestade, a planta que está em vosso poder está sendo executada lentamente e a verdadeira vai bem em tres ou quatro frentes cujos trabalhadores desconhecem os propósitos, pequenos trechos planos, alternados por outros menos confortáveis onde as carroças podem passar, embora sejam desconfortáveis para as carruagens.

De tempos em tempos, os trabalhadores são completamente substituídos e vem trabalhar nos trechos traçados para carruagens que estão bem atrasados.



Alguns anos passados e a Estrada ficara pronta, por ela, passaria a primeira partida de minerais preciosos.

A caravana, saindo da montanha era composta de 5 carroças, alguns tropeiros e dois oficiais.

Em meio a viagem, bandidos renderam a comitiva, amarraram a todos e levaram as carroças.

A retaguarda da comitiva, composta dos escravos de Tibúrcio libertou a todos e retornaram às montanhas, sem perseguir as carroças e sua preciosa carga de... escória das minas, coberta por uma fina camada de prata.

A verdadeira caravana, ladeada pela guarda Real, desceu a montanha, abarrotada de ouro, prata e pedras preciosas, passando pela verdadeira estrada Real.

Quase ao sopé das montanhas, os assaltantes receberam o cavaleiro que haviam deixado de retaguarda que lhes disse que ninguém os perseguia. Assim, prosseguiram viagem até uma fazenda onde, na senzala, pretendiam dividir o butim.

Ao longe um dos escravos observava a caravana dos meliantes e foi avisar ao pessoal da fazenda que eles se aproximavam.

Os cavalos foram escondidos arreados e prontos para partir dentro da senzala, os oficiais da guarda junto e dentro do casarão mais outros, já de armas preparadas aguardavam, os escravos da fazenda continuavam sua lida, como se nada estivesse acontecendo. Em meio ao mato, outro grupamento escondido, também preparado, aguardo a passagem da comitiva.



Quando chegaram ao pátio, desmontaram, armas em punho e de dentro da casa ouviu-se o ultimato dos oficiais:

- Larguem as armas, estão cercados!

Percebendo a emboscada, alguns deles voltaram a montar e retornaram pelo caminho que vieram, encontrando-se frente ao destacamento que saíra do mato, em número muito maior que eles.

Alguns cavalgaram pelo pasto e foram perseguidos e mortos pela cavalaria que se escondera na senzala, os que tentaram reagir no pátio também foram dizimados.

Os cavaleiros presos foram identificados, eram soldados, comandados pelo oficial, que em outros tempos, detivera o mensageiro que Tibúrcio enviara ao Rei.

O fazendeiro ficara curioso e perguntou ao oficial insurreto:

-Só não entendi um detalhe... como passariam vocês com a carroça se a estrada acaba logo adiante, frete ao caudal de um rio profundo?

O oficial entendeu então o logro que Tibúrcio lhe impusera, mas, já era tarde, por ordem do Rei, ali mesmo na fazenda, todos os participantes foram enforcados juntos com o segredo que só eles sabiam, a Estrada Real dos mapas, não existia era só um disfarce.

Por entre as veredas, por onde, por anos passaram as carroças carregando ouro e prata, muitos escravos libertos procuravam, aqui e acolá, os verdadeiros caminhos da Estrada Real, não para roubar, mas, para garimpar o ouro de Tibúrcio, como chamavam, pois, por estradas tortuosas



NÃO CONTES A NINGUÉM

Contos e Ensaios

e esburacadas, onde passavam as comitivas, sempre ficava um pouquinho do ouro que vazava das carroças abarrotadas.



24 – O TESTAMENTO DE EPHAMINONDAS

Quando os filhos estavam em idade de trabalhar, Ephaminondas os reuniu e disse que dividiria seus bens de acordo com a performance de cada um.

A cada qual de seus seis filhos distribuiu 1 milhão de crozts, suficientes para montarem um bom negócio outrossim, a todos foi ofertado um conselheiro para ajuda-los na tarefa e, ele próprio, supervisionaria os empreendimentos dos quais era o sócio majoritário.

Sara, a primogênita montou uma fábrica de roupas e lençóis, sendo reconhecida como a fornecedora oficial dos nobres; Segundus, como o nome diz, o segundo, montou uma empresa de transporte, colocando suas carruagens, barcos, pranchões e cavalos para transportar pessoas e mercadorias, Tércio, o terceiro, montou uma empresa de armazéns gerais e desenvolve-se na parte portuária, Quartzo, o quarto, investiu no ramo de joalherias e sua empresa também fez sucesso, Shanaad, o quinto, investiu em parreirais, produção e comercio de vinhos e, por fim, Fredag, a sexta, dedicou-se à medicina construindo um hospital onde eram tratados nobres e plebeus e para onde iam pessoas de todas as partes do país.

Ephaminondas, vigiava os filhos como uma leoa vigia seus leõezinhos, quem o via querendo saber de todos os detalhes,



Imaginava um pai avarento que tinha medo de que sua fortuna fosse dilapidada.

Passaram-se os anos e, cada qual dos filhos, disputava a preferência do pai, mostrando eficiência na administração, esperançosos do testamento muito embora cada qual já estivesse em situação de sucesso e de excelentes ganhos mesmo com a parte que lhes cabia, que não passava de 25% do total da empresa que administrava.

Enfim, já doente Ephaminondas manda reunir os filhos para a leitura do testamento e que viessem com esposas maridos e filhos.

O Tabelião foi convidado e, após o almoço procedeu à leitura:

_ “Testamento do Sr. Ephaminondas Archieptopolus.

Herdeiros os filhos:

Sara Archieptopolus, Secundus Archieptopolus, Tércio Archieptopolus, Quartzo Archieptopolus, Shanaad Archieptopolus e Fredag Archieptopolus.

Leremos a seguir, conforme vontade do Testador um balanço da situação econômica do mesmo quando da distribuição, a cada herdeiro feita para geração de negócios

Dinheiro; # 7.000.000,00 (SETE MILHÕES DE CROTZ)

1 Imóvel residencial no valor de # 100.000,00 (CEM MIL CROTZ)



1 automóvel marca Stulzequer, modelo econômico, no valor de # 10.000,00 (DEZ MIL CROTZ)

1 Escritório de negócios no valor de #15.000,00 (QUINZE MIL CROTZ)

Os filhos logo pensaram que o vencedor ganharia então #1.000.000,00 (HUM MILHÃO DE CROTZ)

Durante dez anos, prosseguiu o Tabelião, o Testador realizou as seguintes despesas.

- Pagamentos a escritórios de advocacia, contadores, consultores, peritos em negócios e informantes com informações comerciais privilegiadas:

700.000,00 (SETECENTOS MIL CROTZ)

Despesas de manutenção do testeiro, incluindo viagens, hospedagens, etc. # 300.000,00 (TREZENTOS MIL CROTZ)

Despesas de manutenção pessoal do testeiro:

R\$ 100.000,00 (CENTO E DEZ MIL CROTZ)

Tais despesas, dividas, por dez anos, dez mil crotz, ao ano, divididos por 12 meses... #834,00 crotz, por arredondamento, pouco menos do que um salário de subsistência isto, porque vender o veículo diminuiria a capacidade de auxílio dele para com os filhos.

Hoje a herança vai ser dividida: o PAI DE VOCÊS É A ÚNICA HERANÇA, pois ele, em testamento, doou, para imediato uso, os 75% (setenta e cinco por cento), de cada



empresa, para cada qual que detenha sua empresa de sucesso.

Assim, ficam distribuídos os bens, de acordo com a competência de cada um, na forma que o administraram e na forma como o receberam.

Sobra o carro velho, que, em tempos atuais, fica avaliado em #5.000,00 crozts, quantia necessária para pagar um albergue simples por dois anos.

Na esperança da satisfação de todos, que os deuses do trabalho os protejam, mostram-se, ante eles, capazes de serem melhores, TODOS.

Eis a minha herança

P.S:

Ephaminondas morreu em uma bela casa doada por seus filhos, onde cultivava um jardim, quase 20 anos depois da partilha dos bens. Seus filhos vivem em paz e, todo ano, fazem uma reunião para lembrar do velho pai e de sua sabedoria.



25 – NÃO CONTES PARA NINGUÉM

As narrativas viajaram pelo tempo, muitos séculos foram contados em pequenas histórias, mas, de onde eu as tiraria?

Certa feita, passeando pelo campo, parei minha bicicleta à beira de uma nascente, protegida por uma pequena cerca. O calor escaldante reacendeu a sede e peguei meu cantil para enche-lo com a água cristalina que brotava da fonte.

A sombra das árvores que a circundavam trouxe também um vento refrescante e, por minutos deixei de lado tudo o mais, fitando a água brotar da terra em borbulhas sonoras, quase uma música ou, melhor dizendo, uma música da natureza.

-Bonita a água não?

Sobressaltado busquei a origem da voz, era um senhor moreno, com um chapéu de pano surrado como sua roupa, um embornal pendurado do lado esquerdo o na mão direita uma vara, utilizada como apoio. Pendia, pelo lado direito do corpo uma correia que suportava um cantil tosco.

-Sim, muito bonita e fresca, respondi após perceber que a pessoa não representava nenhum perigo.

Por quanto tempo estive ali, absorto, não sei e também não percebi a aproximação dele.

-Pode encher o cantil para mim?



-Tomei-lhe o cantil das mãos que me pareceram grandes e maltratadas, mãos de camponês, pensei.

-O cantil era de pele, talvez de uma cabra e, somente em um dos lados sua frente apresentava algo mais rebuscado; ali foram raspados os pelos, cuidadosamente formando um círculo onde, desenhados em tinta negra, tres traços paralelos enfeitavam a peça.

Enchi o cantil, sacudi, lavei o bico e o enchi novamente devolvendo ao seu dono que o sorveu em várias goladas.

-Háaa, disse ele, que delícia... podes novamente enche-lo?

Repeti o ritual e devolvi o cantil cheio, que foi colocado a tiracolo.

-Passeando perguntou aqui, perguntou ele?

Respondi-lhe que gostava de pedalar e que gostava mais ainda de pedalar no campo, em contato com a natureza e longe do barulho da cidade.

-Pelo visto, você tem paciência com a natureza senão, não teria ficado este tempo todo admirando a água....

Sorri para ele e expliquei a paz que a contemplação, longe da pressa da cidade proporciona e como este alívio deixa a mente mais ágil e tranquila e que ajudava muito em meus trabalhos de escrita.

- Humm escritor... muito bem, gostaria de ler algumas histórias antigas?

- Ante minha afirmativa, ele tirou do embornal um maço de folhas enroladas e amarradas por uma fita que tinha nela



desenhada a mesma marca que vira no cantil, eram várias páginas, cuidadosamente escritas à mão.

Ele desatou o laço e me passou as folhas e a quantidade era bem grande.

-Impossível lê-las todas agora, tomaria seu tempo e não conseguiria absorver o que está aí escrito disse-lhe.

-Experimente ler só a primeira história... é curta

A primeira página tinha somente a ilustração das tres linhas negras, curtas, paralelas e dispostas em diagonal, no meio da página.

Ao virar a primeira página o maço, de repente, ficou pesado, parecia ter muito mais folhas, do que parecia.

Assim que comecei a ler, a história me pareceu complexa e atraente e, quando voltei para reler o primeiro parágrafo ele não estava mais lá, ao tentar ler o restante do texto, só restara, levemente, em minhas mãos a última folha, com a palavra fim.

Desconcertado olhei para o ancião que parecia transformado, pareceu-me maior e bem mais forte e ostentava um leve sorriso no rosto.

-Não te assustes, acabaste de receber meus escritos de muitas vidas, faça deles o que bem entender podes, inclusive, relatar como os conseguiste, quando fores por aí pedalando, as histórias que “leste” voltarão à sua mente, nítidas; esperei por muito tempo alguém que não só enchesse meu cantil, mas, também, tivesse o cuidado de lava-lo, demonstrando preocupação com um simples



velhinho e tendo cuidados, ao invés do habitual nojo que um cantil de pele surrado possa provocar.

Passo por aqui desde o tempo em que esta fonte ficava na montanha, que veio ao longo do tempo e das intempéries, diminuindo de tamanho; muitos foram os viajantes que, à beira da fonte, recusavam-se a encher meu cantil, outros ainda me chamavam de preguiçoso outros, ainda, mergulhavam o cantil na água como se fossem lava-lo e o único que o limpou corretamente, sem nojo e sem preocupação de sua origem, foi você e também o único que se deteve a examinar os desenhos nele contidos e avaliar, com perspicácia que o círculo fora cuidadosamente elaborado.

Ganhaste o direito à história de muitos anos, nos lugares onde vivi e nas terras e pessoas com quem convivi uma em outros mundos outras em mundos futuros e passados e que só existem na imaginação das pessoas.

Não terás as mesmas experiências que eu, estas, não posso te dar, mas, o relato delas, agora é seu.

Olhei para minhas mãos e os papéis não estavam lá, levantei os olhos e o velhinho já estava a metros de mim.

Quando dei por mim, só o barulho da fonte se fazia presente e minha cabeça fervilhava com tantas histórias que agora conto pra vocês.

Então, pela derradeira vez ouvi a poderosa voz do velhinho ecoando ao longe:



NÃO CONTES A NINGUÉM

Contos e Ensaios

- Podes contar, escrever e recontar tudo, mas, o que significam as tres linhas, do desenho, **NÃO CONTES A NINGUEM!**



POSFÁCIO

Agradecido por teres lido meu livro.

Dividir meus escritos é um prazer maior, se escrevê-los é trabalhoso, ao mesmo tempo, este trabalho me traz prazeres diferentes, quer seja no escrever usando conhecimentos ou pesquisando temas.

Alguns de meus livros estão à disposição para leitura gratuita em www.calimandobrasil.com.br/jac, podem ser lidos no computador, em tablets ou smartphones ou, se preferir, podes imprimir ler, distribuir e copiar.